

**APRENDER, ENSINAR, COORDENAR...NA
PERSPETIVA DE UMA PROFESSORA DE
BIOLOGIA E GEOLOGIA**

Sílvia Cristina Alves da Silva

Relatório de Atividade Profissional

Mestrado em Ensino de Biologia e Geologia
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

Trabalho efetuado sob a orientação de: Professor Doutor Rui Cabral e Silva

2015

**APRENDER, ENSINAR, COORDENAR...NA
PERSPETIVA DE UMA PROFESSORA DE
BIOLOGIA E GEOLOGIA**

Sílvia Cristina Alves da Silva

Relatório de Atividade Profissional

Mestrado em Ensino de Biologia e Geologia
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

Trabalho efetuado sob a orientação de: Professor Doutor Rui Cabral e Silva

2015

APRENDER, ENSINAR, COORDENAR...NA PERSPETIVA DE UMA PROFESSORA DE BIOLOGIA E GEOLOGIA

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Sílvia Cristina Alves da Silva

Faro, maio 2015

Sílvia Cristina Alves da Silva

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

- À minha Irmã, **Cristiana Silva**, que sendo um pilar essencial na minha vida, foi uma ajuda e um apoio constante, ouviu-me quando mais precisei e deu-me sempre muita força para continuar, acreditando sempre na minha persistência e resiliência;
- Aos meus **Pais**, pelo amor incondicional e disponibilidade que me dedicaram em todas as etapas da minha vida;
- Ao **Professor Doutor Rui Cabral e Silva**, por ter aceitado ser meu Orientador, estando eu tão distante da Faculdade, por ter confiado em mim e pelas suas orientações enriquecedoras;
- À **Olga Lima**, minha amiga, desde a Faculdade, foi quem me desafiou a iniciar este projeto, estava reticente em aceitar por questões de saúde e por estar longe. Ainda bem que aceitei, assim consegui vencer mais uma etapa;
- Às minhas **Amigas e Amigos**, que estiveram sempre comigo, principalmente nas situações menos boas, motivando-me sempre a seguir em frente.

A **TODOS** só me resta dizer: **MUITO OBRIGADA!**

RESUMO

O presente relatório de atividade profissional elaborado enquanto professora de Biologia e Geologia, dando cumprimento ao Despacho RT. 033/2011, tem como objetivo a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Biologia e Geologia.

Na primeira parte do relatório é realizada uma descrição pormenorizada da minha atividade profissional, bem como uma análise e reflexão crítica da mesma, ao longo de dezanove anos de serviço.

Desde o início da minha atividade profissional, procurei manter-me atualizada nas vertentes científica, tecnológica e pedagógica, não só com o objetivo de Ensinar, como também de Aprender ao longo do meu percurso, pois só desta forma poderei contribuir para melhorar e estimular a aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, para a melhoria e eficácia do processo Ensino - Aprendizagem.

Na segunda parte do relatório é enfatizado o papel que a Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário tem, enquanto representante da estrutura intermédia na organização pedagógica de uma Escola, bem como as suas atividades e constrangimentos na comunidade escolar.

Enquanto Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário contribui para a implementação da nova Reforma do Ensino Secundário e acompanhei as mudanças e transformações subjacentes para o processo educativo que a mesma teve.

É também, ainda, realizada uma reflexão crítica e global da importância do cargo de Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário, na vida de uma professora de Biologia e Geologia, bem como das funções, responsabilidades, competências e constrangimentos inerentes ao mesmo.

Palavras-Chave: Ensino-Aprendizagem, Professora, Coordenadora dos Diretores de Turma, Escola, Comunidade Escolar.

ABSTRACT

The hereby report of professional activity, elaborated as a Biology and Geology teacher, according to the official resolution RT.033/2011, has the purpose of obtaining a Master's Degree in the teaching of Biology and Geology.

In the first part of this report a meticulous description of my professional activity is made, as well as an analysis and critical observation of it throughout nineteen years of teaching practice.

Since the beginning of my professional activity, I have tried to keep up to date on the scientific, technological and pedagogical dimensions. This has been made, not only with the aim of Teaching but also in a lifelong Learning perspective. Only in that way I will be able to contribute to improve and stimulate the students' learning and, consequently, to promote an improvement and effectiveness of the Teaching-Learning process. In the second part of this report, the role played by the Coordinator of Secondary Education Form Teachers as a representative of an intermediate structure in the school's pedagogical organization, is emphasized. All the activities thus developed by the Coordinator in the school community along with its constraints are emphasized as well.

As a Form Teacher Coordinator of Secondary Education, I've made my contribution to implement the procedures of the new Secondary Education Reform and I kept up with all the modifications and innovations underlying the educational process led by this Reform.

A comprehensive critical reflection in what concerns the job of a Secondary Education Form Teachers' Coordinator and its importance to the daily life of a Science and Biology Teacher is also made in this report as well as of its inherent functions, responsibilities, competences and constraints.

Keywords: Teaching/Learning; Teacher; Coordinator of Form Teachers; School; School Community.

ABREVIATURAS

BG – Biologia e Geologia
CCH – Curso Científico - Humanístico
CDTS – Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário
CI – Classificação Interna
CIF – Classificação Interna Final
CLDS – Contratos Locais de Desenvolvimento Social
CN – Ciências Naturais
CNE- Conselho Nacional de Educação
CTV – Ciências da Terra e da Vida
DGEEC – Direção Geral da Estatísticas da Educação e Ciência
DT – Diretor de Turma
EE – Encarregado de Educação
GAVE – Gabinete de Avaliação Educacional (Em 2014 passou a designar-se IAVE)
IAVE – Instituto da Avaliação Educativa
IGEC – Inspeção Geral da Educação e Ciência
MEC – Ministério da Educação e Ciência
NEE – Necessidades Educativas Especiais
OTES - Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário
PAA – Plano Anual de Atividades
PCT – Plano Curricular de Turma
PE – Projeto Educativo
PPJS – Projeto do Parlamento dos Jovens do Secundário
PT – Plano de Turma
RI – Regulamento interno
TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação
TLB I – Técnicas Laboratoriais de Biologia – Bloco I
TLB II – Técnicas Laboratoriais de Biologia – Bloco II
TLB III – Técnicas Laboratoriais de Biologia – Bloco III

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
PARTE I – PERCURSO PROFISSIONAL	13
Tema 1 – Componente Científica e Profissional	13
1. Percurso Académico	13
2. Percurso Formativo	14
3. Percurso Profissional	21
4. Reflexão sobre o Percurso Profissional	23
5. Experiência Profissional enquanto Formadora	26
Tema 2 – Componente Pedagógica – Desenvolvimento do Ensino – Aprendizagem	28
1. Prática Letiva	28
<i>i) Preparação das atividades letivas</i>	29
<i>ii) Relação pedagógica com os alunos</i>	31
2. Reflexão sobre a Prática Pedagógica	32
Tema 3 – Componente: Participação na escola e relação com a comunidade educativa	38
1. Promoção do Desenvolvimento Integral do Aluno	38
2. Atividades Promovidas e Realizadas	39
3. Valorização da Relação Escola-Comunidade	47
4. Compromisso com o Grupo de Pares e com a Escola	54
5. Participação nas Estruturas de Coordenação Educativa e Supervisão Pedagógica	55
6. Reflexão sobre a Participação na Escola e Relação com a Comunidade	58
Tema 4 – Componente: Formação Científica e Desenvolvimento Profissional	60
1. Formação realizada e o seu contributo para a melhoria da ação educativa	60
2. Identificação e Fundamentação das Necessidades de Formação	61
PARTE II – COORDENAÇÃO DOS DIRETORES DE TURMA DO ENSINO SECUNDÁRIO	62
Tema 1- Coordenação dos Diretores de Turma enquanto Cargo	62
1. Introdução, Contexto e Pertinência do Tema	62
2. Enquadramento Legal	65
Tema 2 – A Importância do Cargo de Coordenadora dos Diretores de Turma no Processo Educativo	73
1. Atribuições e Funções do Coordenador dos Diretores de Turma	73
2. Relação da Coordenadora dos Diretores de Turma com os Diversos Intervenientes no Processo Educativo	74
2.1- <i>Relação dos Diretores de Turma / Encarregados de Educação</i>	75
2.2- <i>Relação da Coordenadora / Diretores de Turma</i>	76

2.3- <i>Parceria entre a Coordenadora de Diretores de Turma / Coordenador do Secretariado de Exames Nacionais</i>	77
3. Atividades Desenvolvidas enquanto Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário	77
4. Constrangimentos da função de Coordenadora dos Diretores de Turma	85
5. Reflexão sobre a Importância do Cargo de Coordenadora dos Diretores de Turma no Percurso Profissional de uma Docente de Biologia e Geologia	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXOS	99

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Visita de Estudo ao Media Lab DN, 2015 (fonte: DN, 5/5/2015).....	40
Figura 2- Semana da Saúde - PES.....	42
Figura 3 - Trabalhos dos alunos sobre "Alimentação e Nutrição.".....	43
Figura 4 - "Mercado da Escola".....	44
Figura 5- Vitrine do Aluno.....	46
Figura 6- Escola Secundária de Silves (fonte: Google).....	47
Figura 7- Escola Secundária de Raúl Proença (fonte: site AERP).....	48
Figura 8- Escola Básica Integrada 1,2,3 de Santo Onofre (fonte: http://www.gazetacaldas.com/wp-content/uploads/2011/11/ebisantonofre.jpg).....	50
Figura 9 - Escola Básica Josefa de Óbidos (fonte: http://www.gazetacaldas.com/wp-content/uploads/2010/05/Fd-escolaJosefa.jpg).....	51
Figura 10 - Escola Básica e Secundária de São Martinho do Porto (fonte: http://www.tintafresca.net/_uploads/Edicao%20129/Escola_Sao_Martinho2.jpg)	52
Figura 11 - Escola Básica e Secundária do Cadaval (fonte: site AEC).....	53
Figura 12- Matriz do Curso de Ciências e Tecnologias, 2003 (fonte: DES,2003).....	67
Figura 13- Matriz dos Cursos Científico-Humanísticos, 2007 (fonte: DL n.º 272/2007).....	69
Figura 14- Matriz dos Cursos Científico-Humanísticos, 2011 (fonte: DL n.º 50/2011).....	70
Figura 15 - Matriz dos Cursos Científico-Humanísticos,2012 (fonte: DL n.º139/2012).....	71
Figura 16 - Organograma organizacional e funcional de uma escola.....	73
Figura 17 - Imagem inicial da Plataforma Moodle do Agrupamento de Escolas do Cadaval (fonte: Moodle AEC).....	81
Figura 18- Dossier online da Coordenação dos Diretores de Turma do Ensino Secundário (fonte: Moodle AEC).....	82
Figura 19 - Alunos matriculados, por sexo, em Portugal entre 2000/01 a 2012/13 (fonte: DGEEC/MEC, novembro, 2014).....	84
Figura 20 - Taxa de conclusão, por orientação curricular, em Portugal entre 2001/01 a 2012/13 (fonte: DGEEC/MEC, novembro 2014).....	85

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Síntese da Atividade Profissional Desenvolvida.....	21
Tabela 2- Atividades da Coordenação dos Diretores de Turma do Ensino Secundário.....	79
Tabela 3 - Cronologia da Coordenação dos Diretores de Turma do Ensino Secundário....	83

INTRODUÇÃO

"Se deres um peixe a um homem faminto, vais alimentá-lo por um dia. Se o ensinares a pescar, vais alimentá-lo toda a vida."

Lao-Tsé

O presente documento constitui o Relatório da Atividade Profissional, respeitante ao período de 1996 a 2015, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ensino da Biologia e Geologia, no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade do Algarve.

Candidatei-me a este mestrado também com o intuito de dar continuidade ao meu percurso formativo, com vista à minha valorização pessoal e profissional.

O relatório tem como objetivo geral a descrição e reflexão contextualizada e fundamentada da atividade profissional no período supracitado, numa perspetiva integrada da experiência pessoal e profissional, com caráter retrospectivo e prospetivo, constituindo a parte I do mesmo.

Aquando da entrada numa nova escola, tive sempre como objetivo principal a perceção de todo o contexto e funcionamento da organização. Para tal, recorri sempre à consulta de toda a documentação inerente disponível, dando especial ênfase ao Projeto Educativo (PE) da Escola e Regulamento Interno (RI).

Nestes dezanove anos de serviço docente, inevitavelmente, encontrei uma diversidade de desafios no meu percurso, particularmente na área da docência e em órgãos de gestão intermédia. Tive sempre como objetivo a promoção do sucesso educativo dos meus alunos, transmissão de conhecimentos e promoção da autoconfiança com a missão de melhorar o seu rendimento escolar.

Esta missão, que assumo a cada ano letivo, conduz a que esteja em processo de autoavaliação e reflexão constante procurando, desde logo, encontrar estratégias e soluções para uma prática profissional cada vez mais competente e aperfeiçoada.

A mudança social bem como as transformações que o papel da Escola tem assumido ao longo dos anos conduz à necessidade de reestruturação dos currículos, bem como a uma tentativa de otimização dos processos ensino-

aprendizagem, através do recurso a estratégias motivadoras, promoção do desenvolvimento pessoal e da cidadania, utilização de metodologias de ensino pró-ativas, entre muitas outras. Os professores reaparecem como elementos insubstituíveis na promoção da aprendizagem, na integração para responder à diversidade e no uso de novas tecnologias, ferramentas aos dispor de todos os atores educativos (Nóvoa, 2007).

Na segunda parte do relatório irei analisar e refletir sobre a função de Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário (CDTS) que tenho exercido em diferentes anos letivos do meu percurso profissional. Sendo uma estrutura de coordenação pedagógica intermédia, esta função ocupa um papel principal na comunidade educativa e na relação com os diferentes Diretores de Turma (DT). Estes constituem uma mais-valia nas escolas, pois assumem um papel preponderante na mediação entre a escola e a família.

PARTE I – PERCURSO PROFISSIONAL

Tema 1 – Componente Científica e Profissional

1. Percurso Académico

Iniciei a Licenciatura em Ensino de Biologia e Geologia (BG), na Universidade do Algarve, em setembro de 1992. A mesma foi concluída em junho de 1997, tendo obtido a classificação final de 15 valores.

Incluído no Seminário do Estágio Pedagógico, realizado em 1997, foi apresentado o trabalho subordinado ao tema: “*Clonagem, a Fotocopiadora Biológica?*”, com a classificação de 17 valores.

Realizei a Profissionalização, no ano letivo 1996/1997, com a classificação final de 17 valores.

1999 – Ministério do Trabalho e da Solidariedade - Certificado de Formadora passado pelo Sistema Nacional de Certificação Profissional como possui competências pedagógicas para exercer a profissão de formadora. Certificado n.º EDF 8261/99 DC.

2010 – Ministério da Educação - Certificado de Competências Digitais no âmbito do Sistema de Formação e de Certificação em Competências TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) para docentes.

2. Percurso Formativo

Ao longo do meu percurso profissional sempre valorizei e reconheci a importância da formação como contributo para a aquisição, aperfeiçoamento, otimização e melhoria de competências para a prática letiva, destacando:

2015 – Curso de Formação: “**Definição de Estratégia do Projeto de Autoavaliação, Adaptação e Implementação do Modelo CAF na Organização Escolar**”, ministrada pela empresa Melissa Marmelo & Associados em parceria com o CFAE-Oeste, de 24 de fevereiro a 8 de setembro de 2015, com a duração de 35 horas, num total de 1,4 créditos. Está a decorrer.

- Curso de Formação: “**Primeiros Socorros em Contexto Escolar**”, ministrada pelo CFETVL- Centro de Formação das Escolas de Torres Vedras e Lourinhã, de 2 de fevereiro a 20 de abril de 2015, com a duração de 25 horas, num total de 1 crédito. Aguardo o certificado do curso.

2014 - Participação nos Encontros de Formação, organizados pela Areal Editores, – **Ação de Divulgação 3.º Ciclo do Ensino Básico, Ciências Naturais 8.º ano**, no dia 13 de maio de 2014, em Caldas da Rainha.

- Participação no Evento – **Apresentação de Novos Projetos, Ciências Naturais 8.º ano**, no dia 28 de abril de 2014, em Caldas da Rainha.

- Participação nos Encontros de Formação organizados pela Areal Editores – **Ação de Divulgação 3.º Ciclo do Ensino Básico, Ciências Naturais 8.º ano**, no dia 22 de abril de 2014, em Caldas da Rainha.

2013 - Oficina de Formação: “**Itens e Critérios: Definição, Construção e Aplicação**”, ministrada pelo GAVE (Gabinete de Avaliação Educacional), com a duração de 45 horas, num total de 1,2 créditos. A ação decorreu de abril a setembro de 2013, num total de 45 horas (15 horas de formação a distância e 30 horas de trabalho autónomo). A componente à distância decorreu de 2 a 17 de abril, na plataforma *Moodle* da Universidade do Porto. Obtendo a classificação de Excelente – 10,0 valores.

2012 - Curso de Formação: “**Educação, Ciência e Desenvolvimento**”, ministrada pelo CFAE - Centro Oeste, de 10 de janeiro a 16 de maio de 2013, com a duração de 25 horas, num total de 1 crédito, tendo obtido a classificação de Excelente - 9,5 valores.

- Curso de Formação: “**Curso de Resolução de Conflitos**”, ministrada pelo CFAE- Centro Oeste, de 5 a 6 de julho de 2012, com a duração de 15 horas, num total de 0,6 créditos tendo, obtido a classificação de Excelente - 9,5 valores.

2011 - Oficina de Formação: “**Fiabilidade na Classificação de Respostas a Itens de Construção no Contexto da Avaliação Externa das Aprendizagens**”, ministrada pelo GAVE (Gabinete de Avaliação Educacional), de março de 2011 a setembro de 2011, com a duração de 45 horas, num total de 1,2 créditos, tendo obtido a classificação de Excelente - 9,2 valores.

- “**XVI Olimpíadas do Ambiente**”, diploma de coordenadora na aplicação local, na 2.ª eliminatória, no dia 22 de fevereiro de 2011, na Escola Básica e Secundária do Cadaval.

2010 - “**XVI Olimpíadas do Ambiente**”, diploma de coordenadora na aplicação local, na 1.ª eliminatória, no dia 16 de dezembro de 2010, na Escola Básica e Secundária do Cadaval.

- Curso de Formação: “**Quadros Interativos Multimédia no Ensino / Aprendizagem das Ciências Experimentais**”, ministrada pelo CFAE- Centro Oeste, de 10 de novembro de 2010 a 10 de dezembro de 2010, com a duração de 15 horas, tendo obtido a classificação de Excelente - 9,5 valores, num total de 0,6 créditos.

- Curso de Formação: “**A Escola, a Problemática da Inclusão/Exclusão e a Comunidade Educativa**”, ministrada pelo CFAE- Centro Oeste, de 25 de junho de 2010 a 2 novembro de 2010, com a duração de 25 horas, tendo obtido a classificação de Excelente - 9,1 valores, num total de 1,0 créditos.

- **“XV Olimpíadas do Ambiente”**, diploma de coordenadora na aplicação local, na 2.ª eliminatória, no dia 4 de março de 2010, na Escola Básica e Secundária do Cadaval.

- Participação na ação de formação: **“Escola Virtual na Sala de Aula”**, no dia 1 outubro de 2010, no Cadaval.

- **“XV Olimpíadas do Ambiente”**, diploma de coordenadora na aplicação local, na 1.ª eliminatória, no dia 14 de janeiro de 2010, na Escola Básica e Secundária do Cadaval.

2009 - Curso de Formação: **“A Geologia de Peniche – Uma Abordagem ao Ensino Experimental das Geociências”**, ministrada pelo CFAE- Centro Oeste, de 27 de maio de 2009 a 8 de julho de 2009, com a duração de 30 horas, tendo obtido a classificação de Excelente - 9,9 valores, num total de 1,2 créditos.

- **“XIV Olimpíadas do Ambiente”**, diploma de colaboração na aplicação local das Olimpíadas do Ambiente, no dia 8 de janeiro de 2009, na Escola Secundária C/ 3.º Ciclo EB de Montejunto – Cadaval.

- **“Prevenção Primária das Toxicodependências”**, ministrada pela Equipa de Prevenção Primária do Centro de Respostas Integradas do Oeste, de 3 fevereiro de 2009 a 21 de abril de 2009, num total de 8 horas.

2008 - Participação nos **“Encontros de Educação”**, promovidos pela **Porto Editora**, no dia 8 de março de 2008.

2006 - Participação na Sessão de Disseminação do **“Projeto ENE – Empreender na Escola”**, promovida pela Iniciativa Comunitária EQUAL, no dia 20 setembro de 2006, em Lisboa.

2005 - **“O Novo Programa de Biologia do 12.º ano – Abordagem Conceptual e Metodológica”**, ministrada pelo Centro de Formação da União de Escolas da Lourinhã, de 27 de setembro a 20 de outubro de 2005, com a duração de 25 horas, num total de 1 crédito.

- **“Hipertexto na Web – Criação e Publicação com o FrontPage”**, ministrada pelo Centro de Formação da Associação de Escolas do concelho do Cadaval, de 5 de abril a 5 de maio de 2005, com a duração de 30 horas, num total de 1,2 créditos.

2003 - “O Professor como Agente de Prevenção da Infeção pelo VIH-SIDA”, ação de formação ministrada pelo Centro de Formação da Associação de Escolas do Concelho do Cadaval, que decorreu de 25 de março a 24 de junho de 2003, com a duração de 50 horas, num total de 2 créditos.

- **“II Encontro Nacional de Psicologia – O Stress na Vida Contemporânea”**, ministrado pela Unidade de Investigação e Intervenção em Psicologia (UNIIPSI), realizado no dia 17 de maio de 2003, em Leiria.

- **“Gestão de Conflitos em Contexto Escolar”**, oficina de formação, ministrada pelo Centro de Formação de Associação de Escolas dos Concelhos de Alcobaça e Nazaré, de 15 a 21 de janeiro de 2003, com a duração de 15 horas, num total de 0,6 créditos.

2001 - “VI Olimpíadas do Ambiente”, diploma de coordenação local das Olimpíadas do Ambiente.

- **“Educação Sexual em Meio Escolar”**, participação na ação de formação, ministrado pela Coordenação da Equipa de Saúde Escolar, no dia 24 de maio de 2001, com a duração de 4 horas, em Caldas da Rainha.

- **“Sexualidades / Estudo Acompanhado”**, participação no Seminário organizado pela Associação Sindical dos Professores Pró-Ordem, realizado no dia 19 de março de 2001, em Leiria.

2000- Diploma de Coordenação Pedagógica de um trabalho apresentado ao Concurso: **“Uma Aventura ...Literária”**, promovido pela Editorial Caminho, tendo como tema a Coleção Uma Aventura.

- Participação na conferência: “**Importância das Áreas Verdes em Ambiente Urbano**”, promovida pela Associação PATO, no dia 11 de dezembro de 2000, no Centro Ecológico Educativo do Paúl de Tornada, em Caldas da Rainha.

- “**I Encontro de Professores de Geociências do Algarve**”, ministrado pelo Centro de Formação dos Estabelecimentos de Ensino de concelho de Albufeira, nos dias 17 e 18 de março de 2000, com a duração de 15 horas, num total de 0,6 créditos.

- “**Técnicas de Colocação da Voz**”, participação na ação de formação, integrado nas Jornadas Pedagógicas da Direção Regional do Oeste do SPGL, no dia 11 de maio de 2000.

- “**Olhar a Escola – Pensar a Educação**”, participação no XVII encontro Nacional de Professores, promovido pela Associação Nacional de Professores, nos dias 2, 3 e 4 de fevereiro de 2000, realizado em Braga.

1999 - “Práticas de Telepedagogia Multimédia”, ministrada pelo CFAE- Centro Oeste, no mês de novembro de 1999, com a duração de 30 horas, num total de 1,2 créditos.

- “**Gestão Flexível de Currículos**”, participação na ação de formação, orientada pela Direção Regional do Oeste – SPGL, no dia 11 de maio de 1999, em Caldas da Rainha.

- “**Delegados de Grupo**”, participação nos Encontros de Educação, promovidos pela Porto Editora, no dia 13 de maio de 1999.

- “**Mistério da Vida**”, participação na ação de lançamento do manual escolar, do 8.º ano, dinamizado pela Texto Editora, em Santarém, no dia 30 de abril de 1999.

- “**XIX Curso de Atualização para Professores de Geociências dos Ensino Básico e Secundário**”, promovido pela Associação Portuguesa de Geólogos, nos dias 15, 16 e 17 de abril de 1999.

- **“Reciclagem” e “Fauna e Flora de Tornada”**, participação no colóquio, organizado pela Associação Pato, em Tornada, no dia 23 de março de 1999.

- **“Sala de Estudo / Estudo Acompanhado”**, participação na ação de formação, integrado nas Jornadas Pedagógicas da Direção Regional do Oeste do SPGL, no dia 10 de março de 1999.

- **“Debate Ciência e Tecnologia”**, participação no debate, promovido pelo Centro de Formação da Associação de Escolas do Concelho da Marinha Grande, no dia 29 de janeiro de 1999.

1998 - “Planeta Azul – 7.º ano”, participação na ação de formação sobre o manual escolar, realizado em Coimbra, no dia 21 de maio de 1998.

- **“Concurso Uma Aventura...Literária”**, diploma de Coordenação Pedagógica do trabalho apresentado ao concurso, promovido pela Editorial Caminho.

- **“Encontro de Educação de Ciências Naturais”**, dinamizado pela Porto Editora, em Lisboa, no dia 20 de maio de 1998.

- **“A Astronomia com um Telescópio de Pequenas Dimensões”**, participação na palestra dinamizada pelo Núcleo de Estágio de Ciências Físico-Químicas, na Escola Secundária Raúl Proença, em Caldas da Rainha, no dia 5 de maio de 1998.

- **“Sociedade da Informação / Educação para os Media”**, participação na ação de formação, integrada nas Jornadas Pedagógicas da Direção Regional do Oeste do SPGL, no dia 6 de fevereiro de 1998.

- **“Organização Pedagógica e Disciplina” e “A Escola e a Sociedade de Informação”**, participação nas conferências, organizadas pela Plátano Editora e Didática Editora, na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Leiria, no dia 4 de maio de 1998.

- "**IV Encontro sobre Educação Ambiental – Ambiente, Cor da Vida**", ministrado pelo Centro de Formação de Professores de Pombal, nos dias 29, 30 e 31 de janeiro de 1998.

1997- "**Clonagem, a Fotocopiadora Biológica?** ", participação no Seminário ministrado pelo Núcleo de Estágio de Biologia e Geologia, na Escola Secundária de Silves, no dia 12 de junho de 1997.

- "**Forum Ciência Viva**", ministrado pelo Ministério da Ciência Viva, nos dias 6 e 7 de Junho de 1997, em Lisboa.

- "**Sexualidade**", ação de formação que se realizou na Escola Secundária de Silves, no dia 30 de abril de 1997.

- "**Jornada de Reflexão sobre a Problemática da Droga**", realizada na Escola Secundária de Silves, no dia 28 de janeiro de 1997.

1996 - "**Sismicidade no Algarve**", participação no debate promovido pelo Núcleo de Estágio de Professores de Biologia e Geologia, na Escola Secundária de Silves, no dia 12 de dezembro de 1996.

3. Percurso Profissional

Tabela 1 - Síntese da Atividade Profissional Desenvolvida

Ano Letivo / Escola	Turmas Atribuídas	Cargos	Total Horas/Tempos (45 minutos)
2014/2015 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- Biologia e Geologia (BG) -10.º ano; - Ciências Naturais (CN) – 9.º ano.	- Coordenadora dos Diretores de Turma do Secundário (CDTS); - Direção de Turma (DT) -10.º ano; - Esclarecimento de dúvidas de BG.	26 tempos letivos
2013/2014 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- BG -11.º ano; - CN - 9.º ano.	- CDTS; - DT -11.º ano; - Sala de Preparação para exame nacional BG.	27 tempos letivos
2012/2013 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- BG-10.º ano; - CN - 8.º ano.	- CDTS; - DT-10.º ano; - Tutoria de alunos.	27 tempos letivos
2011/2012 Escola Básica e Secundária do Cadaval	Estive de atestado médico, desde o dia 25 de agosto de 2011 a 1 junho de 2012, devido a uma doença incapacitante – surdez súbita unilateral com perda vestibular.		
2010/2011 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- BG - 10.º e 11.ºanos.	- DT-10.º ano; - Olimpíadas do Ambiente; - Esclarecimento de Dúvidas de BG.	27 tempos letivos
2009/2010 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- BG – 10.º ano; - CN – 9.º ano; - Área de Projeto – 9.º ano.	- Coordenadora das Olimpíadas do Ambiente; - Projeto de Educação para a Saúde.	25 tempos letivos
2008/2009 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- BG – 11.º ano; - CN- 8.º e 9.º anos; - Área de Projeto – 9.º ano.	- Projeto OTES; - Clube do Ambiente; - Projeto de Educação para a Saúde.	24 tempos letivos

2007/2008 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- Biologia -12.º ano; - BG – 10.º ano; - CN – 8.º ano; - Oferta de Escola – 7.º ano.	- Aulas de substituição; - Ciência Viva.	27 tempos letivos
2006/2007 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- Área de Projeto – 12.º ano; - CN – 7.º e 8.ºanos.	- CDTS; - DT -12.º ano; - Aulas de substituição.	26 tempos letivos
2005/2006 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- Biologia -12.º ano; - Técnicas Laboratoriais de Biologia, Bloco III (TLB III); - CN - 7.º ano.	- CDTS; - DT -12.º ano; - Sala Multimédia; - Preparação para o exame nacional de Biologia.	26 tempos letivos
2004/2005 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- Biologia – 12.º ano; -TLB III; - Clube de Ciência.	- CDTS; - DT – 12.º ano.	20 horas
2003/2004 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- Técnicas Laboratoriais de Biologia, Bloco II (TLB II); - Ciências da Terra e da Vida (CTV) 11.º ano; -TLB III.	- CDTS; - DT – 11.º ano.	20 horas
2002/2003 Escola Básica e Secundária do Cadaval	- Técnicas Laboratoriais de Biologia - Bloco I (TLB I); - CTV -11.º ano; - TLB- Bloco III.	- DT - 10.º ano.	20 horas
2001/2002 Escola Básica e Secundária de São Martinho do Porto	- CN - 7.º ano e 9.º ano; - Área de Projeto – 9.º ano; - Ciência Experimental – 7.º ano.	- Secretária de uma turma de 9.º ano.	22 horas
2000/2001 Escola Básica Integrada de Santo Onofre	- CN – 7.º e 8.ºanos.	- DT – 7.º ano; - Clube de Educação Sexual; - Estudo acompanhado.	22 horas
1999/2000 Escola Básica Josefa de Óbidos	- CN - 7.º e 8.ºanos.	- Delegada de Grupo - 520.	22 horas
1998/1999 Escola Básica Integrada de Santo Onofre	- CN – 7.º e 8.ºanos.	- DT - 7.º ano.	22 horas

1997/1998 Escola Secundária de Raúl Proença	- CTV – 10.º ano; - Biologia – Ensino Recorrente; - TLB II.	- DT - 10.º ano.	20 horas + 3 horas extraordinárias
1996/1997 Escola Secundária de Silves	- CTV – 10.º e 11.ºanos.	- DT – 10.º ano.	12 horas

4. Reflexão sobre o Percurso Profissional

Iniciei o meu percurso profissional no dia 1 de setembro de 1996. Este dia tornou-se importante e marcante para mim, devido aos receios e ansiedade inevitáveis a qualquer trabalhador quando inicia a sua atividade profissional.

Nestes dezanove anos de serviço, lecionei em seis escolas, onde procurei estar sempre atenta, com o objetivo de conhecê-las cada vez melhor e de integrar-me, o mais rápido, possível na comunidade educativa, pois esse conhecimento é conveniente quando se pretende o desempenho das funções com rigor e determinação.

Relativamente ao estágio pedagógico, foi realizado no ensino secundário, tendo sido extremamente importante o ter trabalhado/aprendido com o meu Orientador da Escola – Dr. Jorge André. Com ele aprendi a importância da preparação das aulas e atividades com profissionalismo e rigor, e como isso contribuiu para a postura em sala de aula. Hoje posso dizer que foi o meu mestre! A partir daqui foi um contínuo de aprendizagens pois as competências de base estavam adquiridas e, era o momento de criar a minha forma de atuação.

Assim que acabei o estágio pedagógico, consegui colocação na primeira escola que tinha concorrido - Escola Secundária de Raúl Proença. Gostei bastante de trabalhar nesta organização, lecionei só no ensino secundário e estabeleci com os alunos uma relação pedagógica excelente. Fui muito bem recebida pelo Presidente do Conselho Diretivo, pelos professores do meu Grupo Disciplinar - 520 e restantes

colegas e funcionários. Esta escola marcou-me muito pois foi a minha primeira experiência sem supervisão pedagógica. Aqui fui professora e não estagiária.

Nesta escola também lecionei Biologia a uma turma do ensino recorrente, foi uma experiência pedagógica nova e única, dado que nunca tinha lecionado em regime noturno. A turma era constituída por um grande número de alunos, com idades que oscilavam entre os vinte e dois até aos quarenta e cinco anos, distribuindo-se entre a 1.^a e a 2.^a unidade capitalizáveis. Os alunos, de um modo geral, revelaram completa ausência de métodos de trabalho, assim como pouca ou nenhuma assiduidade, pouco empenho e pouca autossuficiência, o que dificultou bastante todo o processo de ensino-aprendizagem. Foi a única vez que lecionei o ensino noturno e não correspondeu muito às minhas expectativas, dado que a escola não tinha a mesma dinâmica do ensino diurno.

Depois desta escola consegui, através do concurso nacional de professores, colocação no quadro de nomeação definitiva de uma escola, o que, na altura, me deu grande satisfação e tranquilidade a nível profissional.

Um marco importante no meu percurso profissional foi o desenvolvimento das novas tecnologias de informação. O aparecimento da internet revolucionou o método de aprendizagem e conseqüentemente mudou o ensino. Como adepta das novas tecnologias, para mim foi uma fonte de motivação. Quando comecei a dar aulas, existia um retroprojektor, que era necessário reservar de semana a semana, para projetar os acetatos. Quando surgiu a internet nas escolas, no ano letivo de 1999/2000, só existia um computador ligado à net e tínhamos de reservar hora para o utilizar. Posteriormente as escolas começaram a ser equipadas com computadores ligados à internet e videoprojectores em todas as salas de aula. Enquanto docente, de BG, é muito gratificante poder usufruir desta tecnologia em prol de um ensino-aprendizagem mais motivador e desafiante.

Presentemente leciono na escola onde sou efetiva, desde o ano letivo de 2002/2003, e foi aqui que já vivenciei muitas experiências pedagógicas, cargos, atividades, clubes e projetos que mais à frente irei desenvolver.

A partir do ano letivo 2005/2006, a duração das aulas foi alterado, assim como o horário semanal dos professores, passando para vinte e seis tempos letivos. Nesse ano iniciaram-se os tempos letivos de quarenta e cinco minutos, e nas escolas viveu-se um período conturbado de adaptação. Mais uma aprendizagem na carreira de um professor.

Outro fator marcante na minha atividade profissional ocorreu no dia 25 de agosto de 2011, quando tive uma surdez súbita unilateral (70%) com perda vestibular, que está ao abrigo do Despacho Conjunto n.º A-179/89-XI, de 22 de setembro, das doenças incapacitantes, no que concerne a doenças graves e invalidantes do sistema nervoso central e periférico e dos órgãos dos sentidos.

Tive necessidade de me adaptar a esta nova situação e de adotar estratégias de posicionamento na sala de aula, de colocação junto dos alunos e de não poder ainda frequentar atividades muito ruidosas. Nunca escondi a situação, mas contornei-a com um sorriso. Posso salientar que até ao momento nunca tive qualquer atitude imprópria de nenhum aluno.

Nestes anos lecionei mais no ensino secundário do que no ensino básico. Gosto particularmente de iniciar uma turma no 10.º ano e prepará-la o melhor possível para o exame nacional de BG, que se realiza no 11.º ano. Exige uma constante preparação e atualização científica, assim como um grande investimento em números de horas na elaboração de materiais pedagógicos atualizados e adequados a cada turma.

A estabilidade alcançada com a permanência na Escola Básica e Secundária do Cadaval, foi-me permitindo vivenciar experiências pedagógicas variadas e bastante interessantes. Delas destaco a possibilidade de acompanhar uma turma durante um ciclo de formação e constatar os resultados positivos que os alunos alcançam.

Ao longo do meu percurso profissional desempenhei cargos como o de CDTS, DT, Delegada de Grupo Disciplinar, Coordenadora do Projeto do Parlamento dos Jovens do Secundário (PJS), Coordenadora do Projeto do Observatório do Trajeto dos Estudantes do Ensino Secundário (OTES) entre outros não menos

importantes. Foram todos cargos diferentes e com características muito próprias, no entanto, foram todos igualmente importantes e pertinentes para o meu percurso profissional.

5. Experiência Profissional enquanto Formadora

Durante o meu percurso profissional fui convidada por algumas entidades formadoras para ministrar alguns módulos e disciplinas da minha área de formação, em diferentes cursos técnicos.

Na Escola Superior de Biotecnologia, da Universidade Católica, lecionei no ensino universitário, nos cursos de Qualidade Alimentar e Microbiologia tendo sido bastante gratificante e, academicamente, mais desafiante. O sistema de ensino é completamente diferente do ensino básico e secundário, na qual a interação entre o docente e os alunos é menos enriquecedora. Por este motivo lecionei dois anos no ensino universitário, tendo solicitado à Diretora, da Escola Superior de Biotecnologia, para transitar para o Colégio Ramalho Ortigão, propriedade também da Universidade Católica, para dar aulas ao ensino secundário.

Lecionei nesta Escola Superior durante cinco anos letivos mas, posteriormente, como estava a acumular funções noutra escola e as minhas responsabilidades também aumentaram, não era viável conciliar as duas instituições.

Considero que as seguintes experiências enquanto Formadora contribuíram para a minha valorização profissional, enriquecimento pessoal e ter contato com outras formas de ensino-aprendizagem. Destaco, para tal:

2013/2014 – Gabinae: Gabinete de Apoio ao Empresário – Caldas da Rainha, lecionando a disciplina de Biologia, para o Curso Profissional Técnico Auxiliar de Saúde, num total de 25 horas.

2012/2013 – Gabinae: Gabinete de Apoio ao Empresário – Caldas da Rainha, lecionando a disciplina de Biologia, para o Curso Profissional Técnico Auxiliar de Saúde, num total de 50 horas.

2003/2004 - Externato Ramalho Ortigão – Extensão da Universidade Católica – Caldas da Rainha, lecionando a disciplina de Ciências da Terra e da Vida ao 11.º ano.

2002/2003 - Externato Ramalho Ortigão – Extensão da Universidade Católica – Caldas da Rainha, lecionando a disciplina de Ciências da Terra e da Vida ao 10.º ano.

2001/2002 - Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica – Caldas da Rainha, lecionando o módulo de Higiene e Segurança, ao Curso de Técnico de Laboratório do 2.º ano.

2001/2002- Escola de Tecnologia e Gestão Alimentar da Universidade Católica - Caldas da Rainha, lecionando o módulo de Boas Práticas Laboratoriais, aos Cursos de Microbiologia e Qualidade Alimentar, do 1.º ano.

2000/2001 - Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica – Caldas da Rainha, lecionando o módulo de Higiene e Segurança, ao Curso de Técnico de Laboratório do 1.º ano.

1999/2000 - Altius – Centro de Formação Profissional, lecionando os módulos de Anatomia da Mão/Pé e de Dermocosmética aos alunos do 1.º ano, do Curso de Manicure/Pedicure.

Tema 2 – Componente Pedagógica – Desenvolvimento do Ensino – Aprendizagem

“ O Professor só pode ensinar quando está disposto a aprender.”

Janoí Mamedes

1. Prática Letiva

Tendo como base o cumprimento dos programas disciplinares, as planificações elaboradas em Grupo Disciplinar, o Plano Anual de Atividades (PAA), o Projeto Educativo (PE) e mais recentemente os respetivos Planos de Turma (PT), iniciei, quase sempre, o ano letivo com a realização de uma ficha de avaliação diagnóstica, para todas as minhas turmas. Desde sempre apresento os conteúdos programáticos, os critérios de avaliação do Departamento e as regras dentro da sala de aula, na minha primeira aula.

Também desde sempre organizo as aulas de modo a que os alunos realizem as tarefas propostas, discutam os diferentes pontos de vista, formulem e sintetizem hipóteses, façam observações de atividades laboratoriais, consultem e interpretem fontes diversas de informação, exponham ideias oralmente e/ou por escrito e adquiram hábitos e métodos de estudo.

Tendo em conta as características de cada turma e os objetivos propostos, tento diversificar as estratégias, quer sejam de diagnóstico, formativas, sistemáticas, continuadas e interativas, recorrendo sendo a métodos, recursos e materiais pedagógicos o mais motivadores possíveis. Para tal recorro sempre que possível às novas tecnologias, visto que permitem maior satisfação e captam mais a atenção dos alunos.

Tento apresentar os conteúdos sob a forma de problemas a resolver, visando a utilização de aprendizagem em novas situações, tal como acontece na vida profissional e pessoal quase diariamente.

Planifiquei as atividades letivas tendo em conta a diferenciação pedagógica necessária, nomeadamente no que se refere aos alunos com necessidades educativas especiais (NEE). Na base de todo o processo ensino-aprendizagem e

da relação pedagógica esteve e está o respeito, a reciprocidade de responsabilidades e cooperação. Como DT tentei valorizar os diferentes saberes e culturas dos alunos, procurando um conhecimento mais individualizado e acompanhando o seu desenvolvimento intelectual e sócio afetivo.

i) Preparação das atividades letivas

Em cooperação com os professores do grupo disciplinar a que pertenço e com os professores dos diversos Conselhos de Turma, utilizei para a preparação e organização das atividades letivas os seguintes documentos: o PE e o PAA do Agrupamento, os PT das diversas turmas que lecionei, os planos de acompanhamento e de recuperação, o calendário escolar, bem como o programa da disciplina, e as respetivas planificações anuais e a médio prazo e os programas educativos individuais dos alunos com NEE.

As estratégias utilizadas tiveram sempre em vista a motivação constante dos alunos, assim sendo, o recurso às tecnologias de informação e comunicação (TIC) foi uma constante, quer na apresentação de conteúdos e trabalhos dos alunos em PowerPoint, quer em pesquisas na internet. Para uma melhor interiorização dos conteúdos tive sempre a preocupação de fornecer fichas informativas. No que concerne à consolidação de conhecimentos, foram realizadas fichas de trabalho e todos os exercícios do manual escolar e do caderno de atividades do aluno.

Houve sempre a preocupação da preparação prévia dos materiais e recursos utilizados em qualquer atividade, no sentido de minimizar a ocorrência de incidentes no desenrolar das mesmas. Tudo isto fez com que eu conseguisse um maior grau de confiança e segurança na forma como coloquei em prática a planificação, ou seja, por detrás de cada aula lecionada, esteve um enorme trabalho de pesquisa e preparação, devido ao cuidado de utilizar sempre estratégias diversificadas adequadas às necessidades de cada aluno. Isto aconteceu principalmente nos primeiros anos de docência, em que lecionei a algumas turmas com problemas de indisciplina.

Utilizei, nestes vários anos de serviço, vários recursos como: o quadro, o manual escolar, o manual virtual, o retroprojeter, o quadro interativo, o caderno de atividades, a pesquisa informática, o computador, CDs e DVDs interativos de CN,

de BG e de Biologia do 12.º ano, atividades laboratoriais, utilização de simulações online e vídeo, nomeadamente na utilização do programa da Escola Virtual, da Porto Editora.

Início, quase sempre, as aulas com um breve resumo da aula anterior e, de seguida, digo para abrirem o manual na página que indico, e assim podem seguir aquilo que projeto acompanhado com o manual. Também mando sublinhar certos pormenores que considero pertinentes, principalmente nas disciplinas sujeitas a exame nacional.

Em relação aos instrumentos pedagógicos utilizei testes diagnósticos, testes de avaliação, fichas informativas e formativas, e todo o tipo de materiais facilitadores e potenciadores da aprendizagem para os alunos e adequados à minha prática letiva, no tratamento e explicitação dos conteúdos.

As estratégias que utilizei desde sempre têm como finalidade o cumprimento dos meus objetivos e estão inteiramente ligadas com o desenvolvimento das competências dos meus alunos tendo sido diversificadas em cada atividade. O objetivo é o reconhecimento por parte dos alunos do papel ativo que têm na sua própria aprendizagem.

Durante estes anos letivos, prestei apoio aos alunos, individualmente ou em grupo, em sala de aula, tendo em atenção as capacidades e estilos cognitivos de cada um. Realizei as atividades que coletivamente foram definidas no âmbito de planos de recuperação de alguns alunos, privilegiando, desta forma, a pedagogia diferenciada, o ensino cooperativo, a realização de trabalhos de individuais e a pares, a aplicação das TIC, e o recurso a atividades experimentais e de investigação.

Sempre que necessário, foi prestado um apoio mais individualizado e houve comunicação frequente com os Encarregados de Educação (EE) através de telefonemas e mais recentemente através da caderneta escolar ou email.

Foram elaboradas, em reuniões dos Conselhos de Turma, adequações curriculares individuais, currículos específicos individuais, para os alunos com currículos

especiais avaliados ao abrigo da alínea e) do Decreto-Lei n.º3/2008 de 7 de janeiro.

ii) Relação pedagógica com os alunos

“ Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.”

Antoine de Saint-Exupéry

Para que a aprendizagem seja levada a cabo com sucesso é fundamental que se estabeleça uma relação sócio afetiva, isto é, o professor deve cativar e deixar-se cativar, criando laços que envolvam os alunos no prazer da descoberta. O docente deve também ser um comunicador por excelência, ou seja, deve estar ciente do que comunica e, sobretudo da forma como o faz, recorrendo a estratégias/atividades diferenciadas para cada grupo e/ou indivíduo respeitando desta forma as necessidades e interesses dos alunos.

O professor deve ter sempre presente que tem de ser muito mais que um simples transmissor de conhecimentos, ele deve igualmente transmitir vivências e ajudar na construção da personalidade e autonomia dos seus educandos.

No início de um novo ano letivo, é explicada às novas turmas tudo o que se espera deles, por vezes num tom de voz bastante formal e distante, de modo a demonstrar a exigência e necessidade de empenhamento na disciplina. O objetivo nesta postura inicial é fazer reconhecer que nada se consegue sem esforço. Posteriormente a relação pedagógica vai-se tornando mais empática.

Estrategicamente tenta-se motivar e promover a autoestima dos alunos recorrendo ao reforço positivo, pois um aluno motivado, é um aluno que se entrega desmedidamente às tarefas propostas e que, conseqüentemente, tem um bom aproveitamento.

Tudo isto é conseguido através de uma clima de aula positivo e dinâmico mas disciplinado, rigoroso e responsável em que o conceito de respeito foi, e é, a base de todo o processo ensino-aprendizagem e da relação pedagógica estabelecida entre docente e alunos.

Colaborei com os meus alunos, sempre que precisavam de alguma carta de recomendação, para a candidatura aos cursos de verão promovidos por várias universidades, assim como a concursos literários.

2. Reflexão sobre a Prática Pedagógica

O programa da disciplina de CTV, tanto no 10.º e 11.º ano, não estava sujeito a exame nacional e focava-se mais na componente teórica, já que o exame nacional era na disciplina de Biologia, no 12.º ano. Com a saída destas disciplinas, os alunos perderam a aquisição de competências muito importantes para a sua formação científica e o ensino universitário também ficou mais empobrecido, dado que os alunos que chegavam à universidade tinham mais domínio e conhecimento destas técnicas.

Um dos aspetos menos positivos da reforma do ensino secundário foi ter sido eliminado as disciplinas de TLB, Bloco I, II e III, respetivamente do 10.º, 11.º e 12.ºanos. Eram disciplinas teórico-práticas, mas com predomínio da prática, que os alunos gostavam muito, eram realizadas saídas de campo, nomeadamente para recolher material biológico, como por exemplo ouriços-do-mar e algas, nas praias de Peniche. Estas atividades laboratoriais permitiam o contacto direto com técnicas de microscopia e citologia, entre muitas outras.

Relativamente ao projeto de Área Escola, colaborei em vários projetos, de diversas turmas, tanto do ensino básico como ensino secundário. Nalgumas turmas, dada a impossibilidade de integrar os conteúdos programáticos no tema da Área-escola, disponibilizei alguns tempos letivos. A avaliação destes trabalhos nem sempre era positiva dada a pouca motivação de alunos e professores devido à extensão dos programas curriculares e carga horária dos alunos. Embora a interdisciplinaridade

não tivesse sido marcante, todos os docentes dispensaram algumas das suas horas curriculares para a elaboração dos projetos.

Também lecionei uma área não disciplinar, Área de Projeto tanto no 9.º ano como no 12.º ano. O processo de ensino-aprendizagem desenvolvido na Área de Projeto era fundado na aprendizagem baseada em Projetos, envolvendo quatro fases sucessivas: seleção do tema/problema e do grupo de trabalho; conceção e elaboração do projeto, execução sustentada do projeto, realização do(s) produto(s) e elaboração do relatório do processo e apresentação pública do produto e do respetivo relatório. Era bastante importante para os alunos realizarem trabalhos, com diferentes temas, que eram apresentados a toda a turma para partilha de saberes. Ao realizarem o trabalho, os alunos efetuaram trabalho de pesquisa, seleção e tratamento de informação e desenvolveram diversas competências, nomeadamente de foro social (comunicação, o respeito pelos outros, a solidariedade, a cooperação, a autonomia, a negociação, a tomada de decisões, a gestão de conflitos, o respeito pelas normas e critérios de atuação).

A divisão da turma em turnos, tanto nas disciplinas de TLB, BG e CN, contribui para fortalecer a relação pedagógica, uma vez que só estão presente metade dos alunos num espaço menos estruturado e convencional que, por si só, contribui para uma relação mais profunda e individualizada, o que traduz a eficácia da preparação científica e pedagógica da minha prática letiva. (Anexo 1- realização de uma atividade laboratorial na disciplina de BG)

Considero que as medidas que implementei foram basilares para o sucesso dos alunos. Assim os alunos passaram a elaborar relatórios em V de *Gowin*, individuais e realizadas na sala de aula, (anexo 2), nestes últimos anos letivos, anteriormente era o relatório científico elaborado em grupo de dois ou três alunos e estes tinham quinze dias para o realizar em casa. Considero que com esta mudança os alunos passaram a ter melhores resultados e estão mais concentrados nas atividades laboratoriais. Construí também grelhas de observação de sala de aula e das atividades laboratoriais, de forma a ter um controlo continuado das aprendizagens efetuadas pelos alunos e de lhes ir dando feedback, permitindo uma função autorreguladora das aprendizagens.

Considero o manual escolar, ao longo destes anos letivos, como um instrumento essencial dentro da sala de aula, juntamente com o caderno diário, deve responder às necessidades e interesses de quem aprende e de quem ensina e avalia. Utilizo muito o manual, nomeadamente na realização de todas as atividades laboratoriais e realizando todos os exercícios do manual. Este é o meio de estudo principal para os alunos. (Anexo 3)

Desde o ano letivo de 2004/2005 que sou corretora de exames nacionais. Inicialmente com o exame nacional de Biologia, com o código 102, que englobava todos os conteúdos do 12.º ano. Já no ano seguinte, mudou o código do exame para o 602 e assim permaneceu até ao final de 2007. Nestes anos letivos, classifiquei a 1.ª fase e também fui reapreciadora deste exame.

A partir do ano letivo de 2008/2009, sou classificadora do exame nacional de BG, com o código 702, que contempla os conteúdos programáticos do 10.º e 11.º anos, tanto na 1.ª como na 2.ª fase, em consequência de ter integrado a bolsa de classificadores do Gabinete de Avaliação Educacional (GAVE), que mais recentemente se denomina Instituto de Avaliação Educativa (IAVE). Todos os professores classificadores receberam formação, promovida pelo GAVE, através de cursos de formação, realizados online.

Estes cursos de formação tinham como objetivos principais: aumentar a fiabilidade e equidade na classificação das respostas, aprofundar técnicas que promovam maior fiabilidade e promover convergência de procedimentos na classificação das provas de avaliação externa da aprendizagem. Gostei deste método de formação, porque permitiu gerir o meu tempo de acordo com o cronograma das tarefas a realizar, bem como fortalecer e aumentar a minha confiança nas funções desempenhadas.

Apliquei vários testes intermédios de BG, promovidos pelo GAVE, tanto no 10.º como no 11.º ano, cujo objetivo foi aferir o desempenho dos meus alunos por referência a padrões de âmbito nacional, tendo obtido média positiva. A análise de resultados é sempre feita, no final de cada período, pelo Grupo Disciplinar - 520, analisando o que correu bem e tentando melhorar mais para atingirmos um nível de excelência, o que nem sempre é possível, devido a inúmeros fatores, como por

exemplo, o fraco empenhamento dos alunos, que se traduz num menor rendimento escolar. Por vezes, tenho turmas boas e noutros anos letivos não, no entanto a minha prática pedagógica é quase a mesma, apenas é especificamente ajustada.

Quanto aos resultados nos exames nacionais foram quase sempre positivos, o que espelha todo o percurso, o empenho e motivação não só dos alunos como da docente. Quando os resultados foram menos satisfatórios, nomeadamente a classificação interna final (CIF) foi sempre mais alta que a classificação do exame. Este é um dos exames nacionais mais penalizadores para os alunos. Também é explicado pela atribuição obrigatória, do MEC, de pelo menos 30% para trabalhos práticos ou questões-aula o que se traduz, quase sempre, numa classificação interna (CI) acima da classificação do exame em pelo menos um ou dois valores. O inverso também já se verificou: alunos que obtiveram classificação mais elevada no exame do que a classificação interna (CI) da disciplina, sendo esta a média aritmética do 10.º e 11.º anos.

Relativamente ao Ensino Básico, destaco as seguintes dificuldades detetadas nos alunos: falta de concentração no trabalho desenvolvido no decorrer das aulas, falta de organização, de responsabilidade e hábitos/métodos de estudo, por parte dos alunos. Também se nota, em alguns anos letivos, uma falta de valores pessoais no reconhecimento da importância da escola como pilar estruturante da sua formação pessoal e, posteriormente, profissional.

Na tentativa de superar estas dificuldades tentei aplicar sempre, de forma rigorosa, estratégias definidas nos diferentes Conselhos de Turma e nos PT, e por “desmontar” o processo ensino-aprendizagem, como se de um puzzle se tratasse, e reconstruí-lo todas as vezes que as necessidades dos alunos assim o exigiram através de situações facilitadoras de aprendizagem.

Os PT, tanto do ensino básico como do ensino secundário têm como objetivos: promover o trabalho em equipa dos docentes e EE; centrar a ação educativa na aprendizagem dos alunos; promover a coordenação do processo de ensino e harmonização das mensagens socializadoras; estabelecer uma linha de atuação comum dos professores da turma em todos os domínios da sua ação perante os

alunos; adequar as estratégias de ensino às características dos alunos; facilitar a articulação dos conteúdos do ensino e integração dos saberes.

Cada turma e cada aluno são entidades únicas e com características próprias, por forma a encontrar uma linha condutora e orientadora de atuação, daí a elaboração dos PT ser dinâmica, assim como a sua avaliação é realizada continuamente, tanto nas reuniões intercalares como de avaliação. (Anexo 4)

Considero importante referir que um dos pilares do meu trabalho é a preocupação que tenho, ao longo de todo o ano, em estabelecer relações interpessoais com os alunos, baseadas no afeto e compreensão dos seus problemas e anseios. Uma boa relação aluno/professor é importante para o processo do ensino e das aprendizagens e desejável para o sucesso dos alunos. Nem sempre foi fácil, sobretudo em turmas que lecionei que revelavam alguns problemas de indisciplina, mas isso, também foi profícuo porque me ajudou a criar estratégias e mecanismos de adaptação e superação das dificuldades obtidas em todos os ambientes e possíveis contextos dentro de uma sala de aula. Felizmente não foram muitas as turmas com estas características ou especificidades.

Como diz Einstein (edição reimpressa 2005), “A sobrecarga conduz necessariamente à superficialidade e à falta de verdadeira cultura. O ensino deve ser de modo a fazer sentir aos alunos que aquilo que se lhes ensina é uma dádiva preciosa e não uma amarga obrigação.” Isto aconteceu na minha prática letiva, tive turmas que tinham “sede” de aprender, que realizavam todas as atividades solicitadas e queriam sempre mais. Posso dizer que isso aconteceu nos meus primeiros dez anos de serviço, depois, como as políticas de ensino foram sendo alteradas, e isso refletiu-se nos alunos, a cada ano letivo. Por exemplo, no ensino secundário raramente havia problemas de indisciplina ou de falta de hábitos de trabalho, tendo também estes comportamentos chegado ao ensino superior.

Considero que, com o passar dos anos, a nossa prática letiva vai melhorando, pois conseguimos desenvolver ainda mais os nossos pontos fortes e melhoramos os nossos pontos menos bons, conseguindo assim otimizar a nossa prática letiva. Recordo-me que, nos primeiros anos de serviço, era bastante rígida com o comportamento dos alunos, adotando um estilo de liderança autoritário. Hoje

considero que esta postura constituía um mecanismo de defesa e talvez se devesse a algum tipo de insegurança que pudesse sentir, devido à minha idade e pouca experiência pedagógica.

Enquanto DT realizei todas as tarefas inerentes ao cargo, tendo cooperado construtivamente, sempre que solicitada, com a Direção. Consegui gerir as situações problema que foram surgindo, e estabeleci uma relação de proximidade com os EE, que contribuiu para uma maior responsabilização na aprendizagem dos seus educandos.

Analisando os resultados obtidos referentes à taxa de sucesso dos meus alunos, o balanço global foi positivo. De uma forma geral, existiu ao longo destes anos letivos uma relação de empatia professora-alunos e vice-versa, o que foi uma mais-valia a este processo.

Tema 3 – Componente: Participação na escola e relação com a comunidade educativa

“Educar é semear com sabedoria e colher com paciência.”

Augusto Cury (2004)

1. Promoção do Desenvolvimento Integral do Aluno

Lecionar no ensino básico e secundário tem vindo a ser uma tarefa que acarreta algum desgaste não só físico como psicológico. Por exemplo, atualmente, a escolaridade obrigatória é até ao 12.º ano, antigamente era até ao 9.º ano. Os alunos menos aplicados e sem grandes ambições escolares não prosseguiam os estudos ou eram canalizados para os cursos tecnológicos ou profissionais. Como se vêm obrigados a frequentar a escola podem vir a ser elementos que conferem alguma instabilidade não só à turma como ao professor.

A fase da adolescência é só por si instável e isso reflete-se, inevitavelmente, nos seus comportamentos escolares, sobretudo nas relações do dia-a-dia dos alunos entre si, entre eles e o professor, elemento deslocado do seu próprio mundo. O meu trabalho nesta fase foi criar uma plena integração relacional dos universos de cada um. Procurei estabelecer uma ligação afetiva com todas as turmas para que o processo ensino-aprendizagem se desenvolvesse num clima agradável e sem faltas de respeito e educação.

Em termos de comunicação dos conteúdos programáticos, procurei utilizar uma linguagem objetiva, tanto no ensino básico como no ensino secundário, tentando sempre clarificar o que afirmava e exercitar nos alunos o desenvolvimento de um espírito crítico e autónomo. Também tive sempre em consideração que tipo de alunos tinha, ou seja, quando via que tinha alunos bons e que estes tinham expectativas altas em relação ao seu futuro, era mais rigorosa e exigente, tendo sempre presente o contexto social onde a escola estava inserida.

Ao longo destes anos letivos trabalhei com alunos com NEE, no ensino básico e só nos últimos seis anos tive alunos NEE no ensino secundário. Eram alunos com os seguintes problemas: visão, dislexia, Síndrome de Asperger ou com défices

cognitivos. Para estes alunos tive de realizar adequações curriculares, para a disciplina de BG, e adequações no processo de avaliação, nomeadamente realizar testes de avaliação em A3, testes adaptados com menor número de questões e dar maior tempo para a realização deste. Tentei apoiar individualmente estes alunos assim como tentar motivá-los e reforçar a sua autoestima. Na maioria dos casos, poucos progrediram para o 11.º ano, tendo a maioria deles prosseguindo para um curso profissional, que não tivesse uma exigência tão grande ao nível dos conteúdos programáticos, e sem exames nacionais.

Quando estive na sala de preparação para exame ou sala de esclarecimento de dúvidas, para os alunos do 10.º, 11.º ou 12.º ano, prestei apoio individualizado, esclareci dúvidas, realizei exercícios de exames nacionais, de BG, e de testes intermédios ou outros que os alunos solicitassem. Pude constatar que, sempre que os alunos eram assíduos nestas salas, obtinham melhores resultados na disciplina e no exame nacional.

Planifiquei, promovi e participei em atividades, sempre que era DT e enquanto professora também, no âmbito do Projeto de Educação para a Saúde (PES), contribuindo para a consciência de comportamentos que viabilizem escolhas responsáveis. Tive sempre cuidado ao longo da minha prática letiva de alertar os alunos para escolhas menos positivas e de lhes lembrar que as nossas ações têm sempre consequências, sejam elas positivas ou negativas.

2. Atividades Promovidas e Realizadas

Na sala de aula, não só acontece o processo educativo, como também são postos à prova todos os elementos que o constituem: as capacidades, os problemas e as dificuldades dos educandos, a seleção das estratégias mais apropriadas, a adequação dos equipamentos e materiais e o próprio funcionamento da escola.

Porém, toda esta mundividência em interação não passa apenas pela sala de aula, mas permanece e prolonga-se para além da mesma, daí que para o processo

ensino-aprendizagem ser dinâmico, seja imprescindível envolver toda a comunidade educativa em projetos ou atividades de interesse geral ou específico.

Todas estas atividades fomentaram a aquisição de conhecimentos teóricos e práticos nas disciplinas envolvidas. Consequentemente, a relação professora – alunos estreitou-se, contribuindo ainda para um melhor ambiente na sala de aula. Ao longo do meu percurso profissional destaco:

a) Visitas de estudo

- Participação numa visita de estudo ao *Media Lab do Diário de Notícias*, em Lisboa. Os alunos, do 10.º ano participaram num *workshop “Ecojornalistas Missão 3R”*, uma iniciativa patrocinada pela Valorsul.



Figura 1- Visita de Estudo ao Media Lab DN, 2015 (fonte: DN, 5/5/2015)

- Particpei numa visita de estudo ao *Museu Militar e Teatro – “Frei Luís de Sousa”* com os alunos do 11.º ano;

- Organizei e dinamizei uma visita de estudo, de acordo com o PAA, com os alunos do 11.º ano, à *Futurália*, em Lisboa, cujo objetivo foi dar a conhecer aos alunos diferentes percursos académicos;

- Participei numa visita de estudo, com os alunos do 10.º ano, integrada na disciplina de BG, ao “*Microscópio Eletrónico*”, na Faculdade de Ciências, em Lisboa;
- Visita de estudo ao *Centro Ecológico do Paúl de Tornada – Associação Pato*, com os alunos do 7.º ano;
- Visita de estudo ao *Museu de Arqueologia* e ao *Pavilhão do Futuro*, em Lisboa, com os alunos dos alunos do 7.º ano;
- Visita de estudo ao *Pavilhão do Conhecimento*, em Lisboa, acompanhando os alunos do 8.º ano;
- *Caravela Portuguesa*, em Lisboa, com as turmas do 8.º ano;
- Teatro da Trindade para assistir a uma Ópera: “*Neffertiti*”, em Lisboa, com os alunos do ensino recorrente;
- Gruta do “*Algar da Pena*”, na Serra de Aire e Candeeiros, com as turmas do 8.º ano;
- *Oceanário* e Parque das Nações, em Lisboa, com os alunos do 7.º ano;
- Visita de estudo ao teatro: “*Auto da barca do Inferno*”, em Lisboa, com os alunos do 9.º ano;
- Visita de estudo à *Fábrica de Cerveja Cintra*, em Santarém, acompanhando os alunos do 11.º ano, com o objetivo de assistir ao processo da fermentação alcoólica, inserida nos conteúdos da disciplina de CTV;
- Visita de estudo ao *Estádio da Luz*, em Lisboa, acompanhando alguns alunos da Escola;
- Visita de estudo, do 9.º ano, a Torres Vedras, para assistirem ao filme: “*A esperança está onde menos se espera*”.

b) Palestras/Debates

- Particpei e organizei um debate, cujo tema era: “*Jornadas de Reflexão Sobre o Problema das Drogas - Dia D*”;
- Particpei integrada no Clube do Ambiente, num debate sobre o “*Dia da Floresta*”;
- Debate sobre *Educação Sexual*, promovido pela Ausonia, para os alunos do 8.º ano;
- Palestra promovida pela *Associação Abraço*, para o 9.º ano;
- Semana da Saúde, integrada no PES;



Figura 2- Semana da Saúde - PES.

- Palestra de Educação Sexual, promovida pelos Enfermeiros do Centro de Saúde, do Cadaval, para as turmas do 9.º e 10.º ano.

c) Exposição de Trabalhos:

- Organizei a exposição de trabalhos dos alunos do 11.º ano –“ *Modelos da molécula de DNA*”, tendo por base os conteúdos da disciplina de BG;
- Exposição de trabalhos, sobre Ciência Experimental, na disciplina de Oferta de Escola, do 7.º ano;
- Exposição de Posters alusiva aos “*100.º Aniversário de Darwin*”;

- Exposição de trabalhos dos alunos no âmbito da disciplina de BG, 10.º ano – “*Maquetes do Sistema Solar*”;
- Exposição de trabalhos dos alunos do 9.ºano, no âmbito da disciplina de CN, sobre *Alimentação e Nutrição*.



Figura 3 - Trabalhos dos alunos sobre "Alimentação e Nutrição."

d) Clubes

- Participei no Clube da Ciência, que está englobado no “*Projeto Viva a Escola*”;
- Participei no Clube do Ambiente.

e) Projetos

- Planifiquei, participei e dinamizei com os restantes elementos do Grupo Disciplinar as seguintes atividades: “*Animarte*” e “*Feira da Ciência*”. Este tipo de atividades permitiu a interação entre alunos de diferentes faixas etárias, proporcionando momentos de comunicação verbal em Ciência.

- Planifiquei, participei e dinamizei a “*Semana da Ciência*” e “*Laboratório Aberto*”, em parceria interdisciplinar com o Grupo de Física e Química, tendo contribuído para otimizar uma excelente relação com a comunidade. Como defende Pombo (2011), a interdisciplinaridade deverá entender-se qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objeto a partir da

confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objetivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objeto comum. A interdisciplinaridade implica, portanto, alguma reorganização do processo ensino/aprendizagem e supõe um trabalho continuado de cooperação dos professores envolvidos.

- Sempre que pude também colaborei na divulgação da Revista do Agrupamento – “*A Voz do Estudante*”, que permite à comunidade escolar ficar a conhecer melhor todas as atividades e projetos do Agrupamento.

- Organizo e participo, há vários anos, com a minha DT no “*Mercado da Escola*”, com o objetivo de angariar fundos monetários para uma melhoria do espaço físico da escola ou para material lúdico para os alunos. Esta atividade já é uma tradição realizar-se, e como a escola está situada numa zona rural, os alunos trazem produtos hortícolas, frutas, bolos ou que pretenderem para vender. Os EE e toda a comunidade educativa participam bastante nesta atividade, o que traz bastante dinâmica a esta iniciativa.



Figura 4 - "Mercado da Escola".

- Particpei com os alunos do 11.º ano numa atividade do “*Voluntariado*”, integrado no Projeto de Contratos Locais de Desenvolvimento Social (CLDS), cujo objetivo era fomentar o espírito solidário dos alunos, no sentido de combater a pobreza e exclusão social e promover o reforço da parceria com CLDS.

- Agi e participei de forma sistemática e comprometida com o PAA, no *Projeto Parlamento dos Jovens (PPJ)* do ensino Básico e do ensino Secundário, tendo sido Coordenadora do PPJ do ensino secundário, no ano 2012/2013, com o tema: “Os

Jovens e o Emprego: que Futuro?” Conseguimos eleger dois deputados para a sessão distrital que se realizou em Lisboa. (Anexo 6)

- Cooperei na atividade das *Olimpíadas da Biologia*, do 9.º ano, promovida pela Ordem dos Biólogos.

- Participei no “*Projeto de Parceria Pedagógica-Portugal/Timor-Leste*”, que se realizou em 2014, na Escola Básica e Secundária do Cadaval.

- Projeto das “ *XIII, XIV, XVI Olimpíadas do Ambiente,*” colaborei e apliquei localmente nas 1.ª e 2.ª eliminatória, pois teve, quase sempre, uma grande adesão por parte dos alunos, cujo resultado da sua participação foi importante para contribuir para um melhor conhecimento científico em questões ambientais e permitiu-me promover e criar o desenvolvimento de projetos para a escola.

- Organizo e participo, há vários anos, com a minha DT no “*Cabaz de Natal*”, com o objetivo de fomentar o espírito de solidariedade.

- Promovi e dinamizei a atividade: “*À Descoberta da Escola Azul*” no “*Laboratório Aula Aberta2*” envolvendo a disciplina de BG, do 11.º ano. Este tipo de atividade permitiu motivar os alunos do 4.º ano para o ensino das Ciências. (Anexo 5)

- Coordenadora do “*XV Concurso Europeu para Jovens Cientistas*”, na área do ambiente, na minha escola, que tinha como objetivos a realização de projetos nas áreas das ciências exatas, naturais, das engenharias e ambiente. Alguns alunos da minha escola participaram, através de realização de trabalhos científicos, integrados em processos educativos regulares.

- Participei na organização de uma atividade denominada “ *Viver a Ciência*”, cujo principal objetivo era mostrar à comunidade escolar o Laboratório de Biologia e os trabalhos realizados pelos alunos do 10.º e 11.ºanos.

- Organizei e dinamizei, a “*Vitrine do Aluno*”, onde os alunos do ensino secundário tinham afixado todas as informações úteis, nomeadamente a calendarização dos

exames nacionais, os horários das aulas de esclarecimento de dúvidas e tudo o que se considere importante para o aluno.

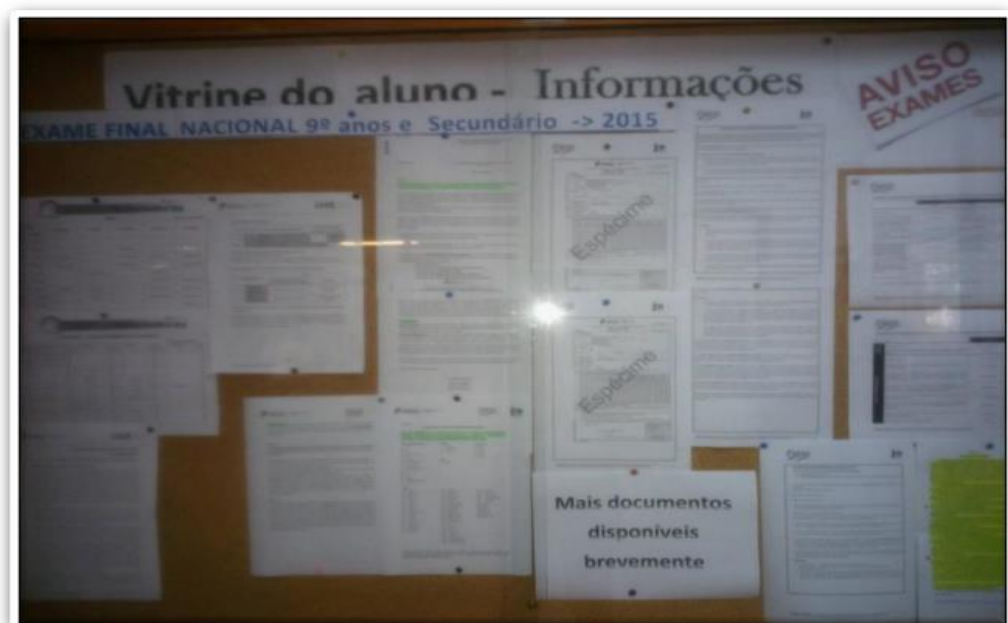


Figura 5- Vitrine do Aluno

- Participação no Projeto de “*Promoção para a Saúde em Meio Escolar*” e no “*Plano de Contingência da Gripe A*”.
- Aplicação de questionários a todos os alunos do Ensino Secundário e Profissional, no âmbito do “*Projeto do OTES*”.
- Relativamente ao Projeto de Área Escola, “*O dia-a-dia de um órfão*”, o mesmo foi planificado e concretizado pela turma, tendo todos os grupos de trabalho colaborado, tendo os alunos encarado este projeto como fonte de motivação escolar.
- Organizei e participei no Plano de Evacuação da Escola de manhã e à tarde ocorreu um debate sobre “*Sismicidade no Algarve*” juntamente com uma exposição de trabalhos, no âmbito da disciplina de CTV, do 10.º ano.

3. Valorização da Relação Escola-Comunidade

Ao longo do meu percurso profissional estive a lecionar somente em seis escolas diferentes, mas em concelhos contíguos à minha área de residência, com exceção, do ano de estágio profissional. Elaborei uma caracterização, muito sucinta, das escolas onde lecionei, para dar a conhecer a região onde a Escola se insere e a relação que estabeleci em cada comunidade educativa.

Convém lembrar também, que com a constituição dos Agrupamentos Escolares, nenhuma escola onde lecionei, mantém o nome original. Todas as escolas foram agrupadas e mudaram o nome, mas para o relatório profissional se tornar mais fiável, coloco as fotos das Escolas onde lecionei, algumas delas foram completamente remodeladas ao abrigo do Parque Escolar.

Pensar numa organização exige forçosamente que se pense nas pessoas que a constituem, que trabalham e cooperam na consecução de objetivos comuns e nas relações que estabelecem entre si. (Teixeira, 1995).

A minha relação com toda a comunidade escolar, das várias escolas onde lecionei, no meu percurso profissional, foi quase sempre excelente, pois consegui manter uma relação pautada pela cordialidade, empatia e respeito mútuo com alunos, professores, órgãos de gestão, pessoal administrativo e assistentes operacionais.

- ✓ **Escola Secundária de Silves** – atualmente **Agrupamento de Escolas de Silves**



Figura 6- Escola Secundária de Silves (fonte: Google)

A Escola Secundária de Silves (ESS) integra o território do concelho de Silves cuja dimensão o coloca como o segundo maior do Algarve, existindo três unidades de paisagem: serra, barrocal e litoral.

Esta foi a escola, onde lecionei pela primeira vez, tendo sido muito bem recebida por toda a comunidade educativa. Todos os elementos estavam sempre dispostos a colaborar e eram bastante solícitos, o que facilitou e muito a minha integração na comunidade escolar.

Em todas as atividades, e realizámos muitas, havia uma excelente adesão na participação, quer por parte dos alunos, professores e EE. Destaco a participação dos meus alunos que era excelente, estando muito motivados para as atividades.

Nesse ano escolar o Núcleo de Estágio de Biologia e Geologia “revolucionou” e promoveu algum dinamismo aquela escola, isso foi um dos elogios que recebemos, o que foi um marco também na minha vida. Também contribuiu o facto de termos sido o primeiro grupo de estagiárias, de Biologia e Geologia, daquela Escola.

✓ ***Escola Secundária de Raúl Proença*** – atualmente ***Agrupamento de Escolas de Raúl Proença***



Figura 7- Escola Secundária de Raúl Proença (fonte: site AERP)

A Escola Secundária de Raúl Proença está localizada nas Caldas da Rainha, uma cidade da Estremadura, que pertence ao distrito de Leiria. Está a aproximadamente 80 km de Lisboa, pelo que se encontra em desenvolvimento quer como centro de comércio, serviços e turismo.

Gostei muito de lecionar, nesta escola, porque para além de ter alunos excepcionais, o rigor e a organização destacavam-se. Para mim estes eram os pontos fortes daquela escola. Também era o meu segundo ano de atividade profissional, o empenho e motivação eram fatores que estavam em índices muito elevados.

Encontrei um Grupo Disciplinar - 520 muito bom, que me integrou na escola e na comunidade escolar. Eram realizadas imensas atividades, nomeadamente, na semana Raúl Proença, que contavam com a participação de toda a comunidade escolar.

Segundo, o PE, do Agrupamento de Escolas de Raúl Proença (2013), este “pretende proporcionar aos seus alunos uma formação académica de qualidade, visando melhorar a aprendizagem e práticas educativas, tendo em conta a capacidade, o ritmo de aprendizagem e as circunstâncias familiares e sociais do aluno, no quadro de uma dimensão humana da educação, enriquecendo-a e superando as limitações que se impõem atualmente à pessoa e à sociedade. Apostamos também no desenvolvimento do grau de qualificação, de autonomia e responsabilidade de todos os nossos alunos, bem como no seu sucesso ao acesso a níveis superiores de escolaridade e/ou na qualificação para a sua integração na sociedade e no mundo do trabalho.”

A grande maioria destes alunos tinha expectativas profissionais muito elevadas, quanto ao seu futuro e quase sempre atingiam esses objetivos. É verdade que o nível económico das famílias destes alunos também era de classe média-alta e isso também proporcionou aos alunos outras realidades, que classes mais baixas não tinham.

No ano letivo 2013/2014, esta escola conseguiu ser a melhor escola pública do país. Os rankings são muito subjetivos, na minha opinião pessoal, se tivermos bons alunos e boas infraestruturas, conseguimos ter bons resultados nos exames nacionais e conseqüentemente atingimos uma boa posição.

Esta foi a única das escola onde lecionei, em que cada Grupo Disciplinar, dispunha de um gabinete exclusivo, onde cada docente poderia trabalhar dispendo de

computadores e impressora, tendo assim um ambiente tranquilo de trabalho, o que determina também o aproveitamento dos tempos da componente não letiva para os professores poderem realizar as suas tarefas na escola.

✓ ***Escola Básica Integrada 1,2,3 de Santo Onofre – atualmente Agrupamento de Escolas de Raúl Proença – Caldas da Rainha***



Figura 8- Escola Básica Integrada 1,2,3 de Santo Onofre (fonte: <http://www.gazetacaldas.com/wp-content/uploads/2011/11/ebisantonofre.jpg>)

A Escola Básica Integrada de Santo Onofre fica situada na periferia de Caldas da Rainha, e reunia num único espaço, os três ciclos de escolaridade básica obrigatória, naquela altura.

Nesta escola iniciei a minha incursão pelo Ensino Básico, nunca tinha tido turmas desta faixa etária e senti muito a diferença de exigência e rigor, em relação ao Ensino Secundário, tanto no comportamento como aproveitamento.

Tive turmas, quer a nível de comportamento e aproveitamento muito boas, e outras muito fracas. Esta escola está situada num bairro complicado, com vários problemas sociais, onde havia muitos alunos carenciados mas, na altura em que eu lá lecionei, a escola fazia parte de um projeto inovador da convergência dos três ciclos e estava muito bem organizada e com uma boa gestão escolar.

Considero como pontos fortes desta escola: a minha excelente integração, estabeleci laços afetivos com algumas turmas e professores, que até hoje se mantem e a excelente gestão escolar.

Promovi e participei em palestras sobre alimentação, educação sexual, tanto para alunos como para EE, que compareciam em todas as atividades que eram chamados a intervir.

- ✓ **Escola Básica Josefa de Óbidos** – atualmente **Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos - Óbidos**

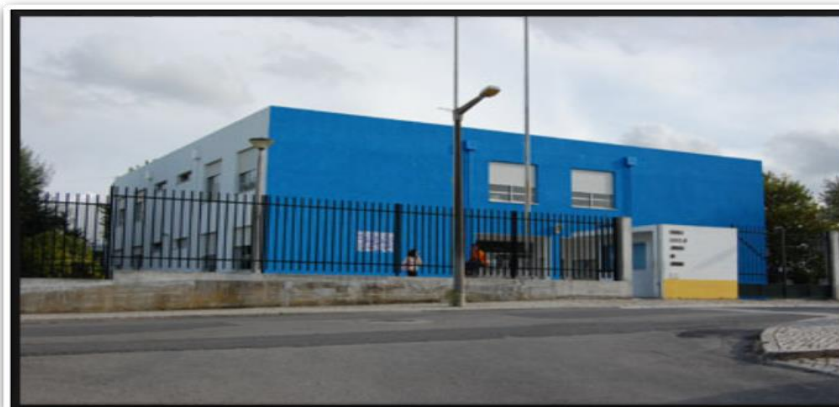


Figura 9 - Escola Básica Josefa de Óbidos (fonte: <http://www.gazetacaldas.com/wp-content/uploads/2010/05/Fd-escolaJosefa.jpg>)

A vila de Óbidos pertence ao distrito de Leiria e encontra-se a 70 km de Lisboa. É banhado pelo oceano Atlântico numa extensão de cerca de 6 km e é delimitado a Norte e a Este pelo concelho de Caldas da Rainha. Tem o maior sistema lagunar costeiro mais extenso da costa Portuguesa, que é a Lagoa de Óbidos que constitui, apesar de tudo, ainda hoje uma fonte de riqueza piscatória e turística da qual dependem economicamente muitas famílias da região.

Nesta escola a relação com a comunidade educativa também foi satisfatória. Os alunos eram provenientes de aldeias à volta do concelho, na maioria de meios rurais, em que tinham poucos recursos económicos e pouca educação. Alguns tinham interesses divergentes à escola mas muito poucos pretendiam prosseguir os estudos.

Participei em algumas atividades para dinamizar a comunidade escolar, em colaboração com a Câmara Municipal, os Bombeiros Voluntários e os docentes da escola, tentando uma maior interdisciplinaridade que promovesse o sucesso de aprendizagens.

Esta foi a escola que mais dificuldades senti em interagir com a comunidade educativa. Os motivos podem ter sido vários, como por exemplo, o fraco interesse dos alunos na escola, a sua rudeza e eu não me conseguir integrar totalmente nesta escola.

✓ **Escola Básica e Secundária de São Martinho do Porto** – atualmente **Agrupamento de Escola de São Martinho**



*Figura 10 - Escola Básica e Secundária de São Martinho do Porto
(fonte: http://www.tintafresca.net/_uploads/Edicao%20129/Escola_Sao_Martinho2.jpg)*

São Martinho do Porto é uma vila, que pertence ao concelho de Alcobaça e possui uma baía, em forma de concha, é ligada ao oceano por uma abertura estreita. O Agrupamento de Escolas de São Martinho do Porto é um agrupamento vertical, tendo ficado a Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos com Secundário de São Martinho do Porto como escola sede.

No ano letivo que lecionei nesta escola, a grande maioria dos alunos revelava muitas dificuldades na aquisição de conhecimentos e muitos deles tinham problemas familiares. No entanto eram alunos muito prestáveis, afáveis e educados.

A escola era um local muito valorizado por eles, gostavam de participar nas atividades promovidas e dar a conhecer a toda a comunidade educativa. Como neste ano letivo, não fui DT, não contatei com os EE.

Gostei de ter lecionado nesta escola, o ambiente entre os professores era de grande companheirismo, o que facilitou e muito a minha integração.

- ✓ **Escola Secundária c/ 3.º Ciclo do Ensino Básico de Montejunto – atualmente - Escola Básica e Secundária do Cadaval**



Figura 11 - Escola Básica e Secundária do Cadaval (fonte: site AEC)

O Cadaval é uma vila, que pertence ao distrito de Lisboa, associado às vinhas e pomares de fruta, nomeadamente a famosa - pera rocha. O Cadaval é atravessado, de oriente a sul, pela Serra de Montejunto, área de paisagem protegida que constitui um importante polo de atração turística, com a sua fauna e flora característicos.

Este Agrupamento caracteriza-se por ser maioritariamente rural, com muitas aldeias à volta do concelho, embora com a construção de infraestruturas rodoviárias de acesso à capital, muitas famílias mudaram-se para esta região e conseqüentemente isso deu uma nova dinâmica à região e trouxe vários alunos para a escola.

Nesta escola leciono desde o dia um de setembro de 2012, sou professora do quadro de agrupamento, e tenho desenvolvido e participado em inúmeras atividades, visitas de estudo, clubes e projetos para dinamizar toda a comunidade educativa e até o próprio concelho do Cadaval.

Tanto como CDTS, como DT ou só como professora tendo contribuído para otimizar uma excelente relação com a comunidade, destacando o envolvimento da família dos meus alunos nas atividades solicitadas pela escola.

Nestes dois últimos anos letivos elaborei, na qualidade de CDTS, um guião de apoio aos alunos e EE, do 10.º ano, cujo objetivo era divulgar e consolidar o funcionamento do ensino secundário.

Dei sugestões para a elaboração do RI, PE e para o Plano de Intervenção Escolar e para alguns documentos da Direção de Turma do Secundário.

Destaco o envolvimento das famílias e dos EE dos meus alunos nas atividades solicitadas pela Escola, ao longo destes anos.

4. Compromisso com o Grupo de Pares e com a Escola

Nestes dezanove anos de serviço letivo, promovi o trabalho colaborativo entre pares, demonstrando excelente iniciativa e empenho, tendo partilhado novas estratégias e procedimentos diversificados principalmente com os meus colegas de Grupo mas privilegiando também a transversalidade com outros Grupos Disciplinares.

Particpei nas reuniões de Departamento e de Grupo Disciplinar (520). Intervim e opinei sempre na discussão inerente às práticas letivas (planificações, critérios de avaliação e definição de estratégias), bem como na planificação de atividades. Elaborei Provas de Equivalência à Frequência, critérios de correção e classificação das respetivas provas.

Existiu sempre uma articulação e uma cooperação muito boa com o Grupo Disciplinar de Física e Química, promovemos muitas atividades em conjunto, a divisão das turmas em turnos, nas disciplinas de CN e de BG, estabeleceu-se uma proximidade e cooperação muito boa, o que permitiu também a interdisciplinaridade em alguns conteúdos disciplinares, nomeadamente ao nível do sistema solar e nos

métodos geofísicos, por exemplo. Assim podemos dizer que a interdisciplinaridade trata-se de uma proposta onde a forma de ensinar leva em consideração a construção do conhecimento pelo aluno, que "visa integrar os saberes disciplinares" (Pombo,1994), e não eliminá-los.

Toda a comunidade escolar ganha com a interdisciplinaridade, os alunos por trabalharem em grupo, os professores pela necessidade de melhorarem a sua interação com os colegas e aperfeiçoar a sua prática docente.

Particpei em todos os Conselhos de Turma iniciais, de avaliação e extraordinários, procurando manter-me informada e partilhando o conhecimento dos alunos, colaborando na definição de estratégias conjuntas de forma a colmatar dificuldades demonstradas pelos mesmos.

5. Participação nas Estruturas de Coordenação Educativa e Supervisão Pedagógica

No que concerne à minha participação nas estruturas de coordenação educativa e supervisão pedagógica e nos órgãos de gestão, tentei contribuir sempre para o bom funcionamento dos mesmos, assumindo uma postura responsável e participativa, cumprindo as obrigações que me foram incumbidas. Realizei atividades de planificação, execução, acompanhamento e adequação dos vários projetos curriculares de turma e, PT, atualmente.

Quando lecionei na Escola Básica Josefa de Óbidos fui Delegada do Grupo Disciplinar - 520, e tinha como principais funções:

- a) Orientar e apoiar o trabalho dos professores da disciplina em conformidade com as decisões do grupo disciplinar e demais estruturas da escola;
- b) Orientar a planificação das atividades letivas e não letivas;
- c) Manter os professores da disciplina informados;
- d) Propor ao Grupo Disciplinar atividades no domínio da implementação dos planos curriculares nas suas componentes disciplinares bem como de outras atividades educativas;

- e) Organizar o *dossier* do grupo;
- f) Representar o Grupo Disciplinar no Conselho de Departamento Curricular;
- g) Elaborar e corrigir, em conjunto com os professores do Grupo, provas de exame no quadro do sistema de avaliação do ensino básico;
- h) Elaborar anualmente relatório das atividades desenvolvidas;
- i) Convocar o conselho de Grupo disciplinar.

As reuniões de Grupo Disciplinar foram cuidadosamente preparadas, seguindo as orientações sugeridas superiormente, e cumprindo o estipulado no RI da Escola.

As informações, oriundas do Conselho Pedagógico e dos demais órgãos da Escola, foram previamente analisadas e estudadas por mim, de modo a poder replicá-las aos restantes elementos deste grupo disciplinar.

No final de cada período o Grupo Disciplinar analisou os resultados escolares dos alunos, permitindo assim reorientar o trabalho para o período seguinte, mantendo as estratégias que estavam a resultar e implementar novas medidas de combate ao insucesso e abandono escolar.

Para além do cargo de CDTS, também fui Coordenadora do Projeto OTES, cujo objetivo era fornecer ferramentas de diagnóstico, de monitorização e de avaliação que apoiem a tomada de decisão local e central no subsistema de ensino em causa, promovido pelo Ministério da Educação. Os alunos do ensino secundário tinham de responder online, a inquéritos fornecidos pela OTES.

O OTES prossegue com os seguintes objetivos: produzir e divulgar informação sobre os trajetos escolares e profissionais dos estudantes do ensino secundário ou equivalente; analisar os trajetos escolares dos estudantes no interior do ensino secundário; analisar os trajetos de transição dos diplomados do ensino secundário dentro do sistema de ensino (ensino superior) e de formação; analisar os trajetos de inserção socioprofissional dos diplomados do ensino secundário; analisar os trajetos de inserção socioprofissional dos estudantes que não concluem o ensino secundário.

Colaborei e promovi o Projeto de Educação Sexual, integrado no PAA e que visa a concretização dos objetivos e metas fixadas no PE.

Ser DT é sempre algo bastante gratificante para mim, pois implica um conhecimento mais individualizado dos alunos, o que permite compreender a forma como se organizam no grupo e acompanhar o seu desenvolvimento socio-afetivo. Implica também a divulgação, junto dos professores, da informação necessária à adequada orientação educativa dos mesmo e a promoção da participação dos EE. Para estes utilizei o *email* institucional para agilizar o contato com estes, nos últimos anos letivos.

Enquanto CDTS promovi o espírito de equipa, no sentido de manter motivados os DT, privilegiando tanto o contato pessoal ou o *email* institucional. Criei um endereço de *email* para as minhas turmas, permitindo um contacto extra-aula, como esclarecimento de dúvidas e apoio no estudo.

Também participei na bolsa de classificadores do exame nacional, de BG, promovido pelo GAVE, valorizando trocas de experiências pedagógicas entre docentes, da mesma disciplina, de várias escolas, através do *Moodle* da Universidade do Porto.

Também já integrei a equipa de elaboração de horários da escola e, até agora foi o trabalho que menos gostei de realizar. Muitas horas de trabalho, logo no início do ano letivo e a pessoa não tem tempo de recuperar do desgaste físico e mental que é a realização de horários, dado que nós não podíamos utilizar o computador porque tínhamos muitas condicionantes, como por exemplo o transporte dos autocarros que, na altura, era realizado pela Câmara Municipal do Cadaval. Depois dos horários elaborados, eram os colegas atrás da comissão de horários para alterações ou então era para criticar os horários. Estive um ano e solicitei logo a minha saída, porque não gostava do trabalho, preferia realizar outras tarefas.

Também fiz parte do Secretariado de Exames Nacionais, da minha escola, durante dois anos letivos, e foi uma atividade que gostei de realizar. Tínhamos uma boa equipa, havia espírito de equipa e muito rigor e exigência no trabalho, como esta tarefa merece. Tive de sair do Secretariado de Exames porque comecei a

classificar exames nacionais, durante a 1.^a e 2.^a fase e era muito complicado estar a desempenhar duas tarefas que requerem bastante empenho e rigor.

Particpei enquanto CDTS, no painel promovido pela Inspeção Geral da Educação e Ciência (IGEC), que ocorreu, em novembro de 2014, à Educação Especial, cujo objetivo era verificar se os *dossiers* dos alunos com NEE estavam organizados e se os alunos estavam bem enquadrados de acordo com o Decreto-Lei n.º 3 de 7 de Janeiro de 2008.

Em janeiro de 2015, participei na entrevista com os DT e respetivos coordenadores, aquando da Avaliação Externa da Escola, promovida pela IGEC.

Em suma, considero que o meu contributo, de estrita colaboração com os demais Pares e Órgão de Gestão, para o funcionamento das várias Escolas por onde lecionei foi, é, e será sempre uma mais-valia, no sentido de ser uma Instituição dinâmica e atuante.

6. Reflexão sobre a Participação na Escola e Relação com a Comunidade

Na escola, o sucesso escolar depende muito das relações interpessoais e do espírito de equipa que se estabelece entre todos os intervenientes, nomeadamente, professores, alunos, pais, assistentes operacionais e comunidade em geral. Escola e Sociedade caminham lado a lado, uma depende da outra e juntas transformam sonhos em realidade, objetivos em metas, obstáculos em conquistas. Desta forma, considero que estabeleço uma relação excelente com os intervenientes, assente numa convivência saudável com base no respeito mútuo e compreensão, sendo estes os meios para uma boa estratégia de aprendizagem.

Particpei no Projeto de Parceria Pedagógica-Portugal/Timor-Leste, explicando ao professor timorense, que esteve na minha escola, alguns meses, todo o funcionamento do ensino secundário em Portugal e forneci ainda todos os documentos usados na CDTS. Também rentabilizámos e valorizámos trocas de experiências pedagógicas, tendo o colega assistido a duas aulas de BG, do 11.º

ano, atingindo assim vários objetivos do PE. Esta foi uma experiência muito interessante, porque tudo para este professor era novidade e tinha muita vontade de aprender. Ele sabia que possivelmente, num futuro próximo, não teria oportunidade de trabalhar com microscópicos óticos tão bons ou com videoprojectores, por exemplo.

Nas escolas por onde lecionei, e foram seis, em dezanove anos de serviço, inevitavelmente gostei mais de umas do que de outras. Mas todas elas contribuíram para o meu crescimento e amadurecimento pessoal e profissional e em todas aprendi algo. Mais do que espaços físicos, as escolas são as pessoas que as constituem e, como tal, o relacionamento interpessoal e entre os membros que constituem a comunidade escolar, influencia e condiciona o reconhecimento social da organização não só local como regionalmente. Sempre fui respeitada em todas as escolas e ainda mantenho laços afetivos desses tempos. Tive sempre como preocupação deixar o melhor de mim em cada escola por onde passe, tal como trazer comigo as experiências mais enriquecedoras e o melhor que cada escola me ofereceu.

Tema 4 – Componente: Formação Científica e Desenvolvimento Profissional

“A principal meta da educação é criar Homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe”.

Jean Piaget

1. Formação realizada e o seu contributo para a melhoria da ação educativa

Para o Professor Nóvoa (2014, com. pessoal), o desafio dos profissionais da área escolar é manterem-se atualizados sobre as novas metodologias de ensino e desenvolverem práticas pedagógicas eficientes. Para ele, nenhuma reforma educacional tem valor se a formação de docentes não for encarada como prioridade.

Numa das palestras frequentadas, em 2014, anotei uma frase proferida pelo Professor Nóvoa que concordo na íntegra: “à escola o que é da escola. À sociedade o que é da sociedade.” Esta frase reforça para a necessidade urgente de um novo contrato social em torno da educação. Nenhuma reforma educacional tem valor se a formação de docentes, a prioridade do conhecimento e da cultura nos currículos escolares, não for encarada como prioritária. Também concordei totalmente quando o Professor nesta palestra refere que a formação contínua dos docentes é fundamental para otimizar o seu desempenho e que deveria ser gratuita.

Profissionalmente sempre reconheci a importância de nos atualizarmos pedagogicamente e ao longo do nosso percurso profissional. Não devemos ficar confinados a um pensamento fechado e obsoleto, daí que valorize muito os cursos de formação e até mesmo a leitura de revistas científicas, pois na área da BG surgem todos os dias descobertas científicas novas e de extrema importância. Até

ao dia de hoje sempre tive imensa vontade de aprender sempre e melhorar! (Anexo 7)

2. Identificação e Fundamentação das Necessidades de Formação

Tenho participado em diversas ações de formação, oficinas de formação e palestras por reconhecer o quão importante é esta aquisição de conhecimento/prática científica. Gostaria que estes cursos ou ações de formação fossem gratuitos ou cofinanciados pelos centros de formação, de modo a abranger mais docentes.

Gostaria de aprofundar o trabalho experimental, assistido por computador, no ensino da BG, por forma a incluir ainda mais as novas tecnologias no ensino das ciências, até porque sou muito adepta das tecnologias e tento aprender ao máximo com os meus alunos, para estar sempre atenta às novidades que surgem. Para, Nóvoa (2014, com. pessoal), “ a formação deve estimular uma perspetiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional.”

Gostava ainda de frequentar uma oficina de formação que me permitisse explorar novas práticas para o ensino das ciências e me permitisse desenvolver competências na utilização do *Prezi* e todas as tecnologias de informação, como por exemplo, cada aluno ter todos os materiais pedagógicos, inclusive o manual da disciplina, no seu próprio tablet.

PARTE II – COORDENAÇÃO DOS DIRETORES DE TURMA DO ENSINO SECUNDÁRIO

"Diz-me e eu esquecerei, ensina-me e eu lembrar-me-ei, envolve-me e eu aprenderei."

(Provérbio chinês)

Tema 1- Coordenação dos Diretores de Turma enquanto Cargo

1. Introdução, Contexto e Pertinência do Tema

A escolha do tema da parte II deveu-se ao facto de ter sido CDTS, num contexto de grandes alterações organizacionais e de mudanças legislativas que ocorreram na escola pública com um forte impacto na prática profissional. Esta função de gestão pedagógica enquadrou-se, temporalmente, em dois biénios consecutivos e um quadriénio em anos letivos distintos.

Costa et al. (2001), referem que “ foi como o advento da escola de massas, com a consequente complexificação das estruturas, dos processos e do tipo de população escolar, que se acentuou a necessidade de gestores pedagógicos intermédios”. Como tal, a função do CDTS é mediar os vários atores da comunidade educativa. Não é fácil, envolve muito trabalho e dedicação para se conseguir efetuar um trabalho de excelência.

Existem inúmeros modelos organizacionais de uma escola, fazendo alguns autores analogias com empresas, com a cultura, com a política, entre outras. Para Lima (1992), “do ponto de vista de uma educação tradicionalmente centralizada, a escola é mais frequentemente vista como uma unidade elementar de um grande sistema - sistema educativo. E é exatamente o sistema escolar, que, nesta perspetiva, é apreendido como uma organização, uma macro- organização.”

Nestes anos de serviço o meu papel na gestão intermédia enquanto CDTS em vários modelos organizacionais foi desempenhado em contextos de liderança diferentes fruto dos cargos que me eram atribuídos, quer por eleição dos pares ou mais recentemente por nomeação do Diretor.

No que concerne à gestão e liderança do cargo de CDTS este é muito importante, quer ao nível interno com uma forte ação no funcionamento e organização da escola, quer ao nível externo, na articulação com a restante comunidade educativa. Ele é um dos pilares essenciais na organização escolar.

No início do meu primeiro biénio acompanhei a reforma do ensino secundário, segundo o Decreto-Lei n.º 74/2004 de 26 de março, o que se traduziu por uma mudança radical em toda a comunidade educativa, dado que a lei de bases do sistema educativo esteve em vigor cerca de dezasseis anos.

Foi premente esta alteração de forma a acompanhar as profundas mudanças da sociedade e, neste contexto, o trabalho da direção de turma no desempenhando das diversas funções no exercício deste cargo de gestão pedagógica intermédia implicou mudanças profundas ao nível de toda a documentação que suporta o trabalho diário de um DT bem como foi, também, necessário fazer chegar a informação de forma sintetizada e clara, resultante de uma análise profunda da legislação, aos alunos, professores, assistentes administrativos e EE de modo a operacionalizar os demais procedimentos.

A pertinência da escolha do tema, da parte II, deste relatório prende-se com a comparação das metodologias, responsabilidades e funções respeitantes ao papel do CDTS, bem como as mudanças ocorridas na escola pública.

O meu cargo iniciou-se a partir do ano letivo 2003 até 2007, seguido de um interregno e, posteriormente, voltei a desempenhar este cargo desde 2011 até ao presente ano letivo. Durante este período pude constatar o quanto a escola pública mudou, desde a redução do número de turmas até ao número de horas que eram atribuídas ao Coordenador para o desempenho das suas funções, por exemplo.

A reforma do ensino secundário teve como objetivos principais: o combate ao insucesso e abandono escolar; o aumento do rigor das aprendizagens; o reforço da autonomia das escolas e o desenvolvimento na formação das TIC.

As grandes alterações na organização do ensino secundário tiveram por base medidas legislativas com um forte impacto social tais como: o aumento da escolaridade obrigatória para os doze anos; permitiu uma maior articulação e

proximidade entre o ensino básico e ensino secundário e, por fim, existe uma maior oferta educativa.

Atualmente a organização do currículo do ensino secundário de acordo com Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho, apresenta diferentes modalidades, orientadas quer para o prosseguimento de estudos, quer para o mundo do trabalho. O currículo dos cursos de nível secundário tem um referencial de três anos letivos e compreende diferentes tipos de cursos:

- a) *Científico-Humanístico*
- b) *Artístico Especializado*
- c) *Profissional*
- d) *Vocacional*

A definição das áreas de ensino atribuídas a cada coordenador é variada nos diferentes modelos organizacionais e definida no RI de cada escola. Enquanto CDTs só coordenei os Cursos Científico-Humanísticos (CCH), regulados pela Portaria n.º 243/2012, de 10 de agosto, com as alterações introduzidas pela Declaração de Retificação n.º 51/2012, de 21 de setembro.

Na escola onde desempenhei estas funções existe um coordenador para os cursos profissionais. Os outros cursos nunca existiram na minha escola. Os CCH, vocacionados para o prosseguimento de estudos de nível superior, conferem um diploma de ensino secundário, bem como o nível três de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações e apresentam um plano de estudo de acordo com os diferentes cursos:

- a) *Ciências e Tecnologias – (CCT)*
- b) *Ciências Sócioeconómicas – (CCSE)*
- c) *Ciências Sociais e Humanas – (CCSH)*
- d) *Línguas e Literaturas – (CLL)*
- e) *Artes Visuais – (CAV)*

A liderança do DT contribui para proporcionar uma linha de orientação e de direção da escola convocando a intervenção de todos os atores educativos, (Alarcão & Tavares, 2003). Urge, assim, uma caminhada curricular inovadora, solidária e colaborativa pois um DT capaz de imprimir confiança nos seus pares bem como potenciar formas de participação dos alunos e das famílias nos conselhos de turma está a contribuir para que a escola se torne mais reflexiva, equitativa e justa.

2. Enquadramento Legal

A reforma do ensino secundário iniciou-se com o Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, estava eu no meu segundo ano de coordenação pedagógica, do primeiro biénio. Este decreto define os princípios da organização e da gestão do currículo, bem como da avaliação das aprendizagens referentes ao ensino secundário. A portaria n.º 550 A/2004, de 21 de maio, aplicava-se à organização, funcionamento e avaliação dos cursos tecnológicos do ensino secundário; a portaria n.º 550 D/2004, de 21 de maio, aplicava-se aos CCH e a Portaria n.º 550 E/2004, de 21 de maio, aplicava-se ao ensino secundário recorrente.

A organização do currículo do ensino secundário, integra as seguintes componentes de formação, segundo as matrizes curriculares dos CCH, de acordo com Decreto-Lei n.º 74/2004 de 26 de março:

- a) *“ A componente de formação geral, nos cursos científico-humanísticos e nos cursos artísticos especializados, incluindo na modalidade de ensino recorrente, que visa contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos alunos;*
- b) *A componente de formação sociocultural, nos cursos profissionais, que visa contribuir para a construção da identidade pessoal, social e cultural dos alunos;*
- c) *A componente de formação específica, nos cursos científico -humanísticos, incluindo na modalidade de ensino recorrente, que visa proporcionar formação científica consistente no domínio do respetivo curso.”*

Os princípios orientadores da revisão curricular, do ensino secundário, fundamentaram que:

- a) Todas as matrizes dos cursos têm como objetivo diminuir a carga horária dos alunos, logo as escolas, através dos seus PE, proporcionam a estes várias ofertas de disciplinas;
- b) Os alunos têm uma maior flexibilidade dos trajetos curriculares, a partir das combinações das disciplinas anuais e bienais;
- c) As aulas passaram a ter a duração de noventa minutos. Atualmente, existe a possibilidade de as escolas escolherem os seus tempos letivos, assim podem ser aulas de quarenta e cinco, cinquenta ou de noventa minutos, tendo sempre em atenção a carga horária da disciplina;
- d) As cargas letivas, desde o 10.º até 12.º anos, estão melhor distribuídas, o objetivo é o aluno desde o 10.º ano ir gradualmente diminuindo o número de disciplinas;
- e) Diminuição do número de disciplinas da componente específica;
- f) Introdução de disciplinas como Área de Projeto, no 12.º ano, Formação Cívica e TIC, no 10.º ano, que passado algum tempo foram retiradas das matrizes;
- g) Em todos os CCH, a formação geral é comum, o que implica que um aluno no seu percurso escolar possa mudar de curso e só irá precisar de matricular-se nas disciplinas da componente específica;
- h) Diminuição do número de exames nacionais e melhor distribuição destes ao longo do trajeto curricular do aluno.

O Documento Orientador da Revisão Curricular do Ensino Secundário surgiu em versão definitiva, a 10 de abril de 2003, sendo a figura 12 um exemplo da matriz curricular, dos CCH, para o Curso de Ciências e Tecnologias.

Componentes de Formação	Disciplinas	Carga horária Semanal (x 90 minutos)		
		10º	11º	12º
Geral	Português	2	2	2
	Língua Estrangeira I ou II a)	2	2	—
	Filosofia	2	2	—
	Educação Física	2 b)	2 b)	2 b)
	Tecnologias da Informação e Comunicação	2	—	—
	sub-total		10	8
Específica	Matemática A	3	3	3
	Opções c) —————	3	3	—
	<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;"> Física e Química A Biologia e Geologia </div>			
	Opções d) —————	3	3	—
<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;"> Física e Química A Biologia e Geologia Geometria Descritiva A Aplicações Informáticas B f) Economia A f) </div>				
Opção e) —————	3	—	3	
<div style="border: 1px solid black; padding: 2px; display: inline-block;"> Biologia Física Química Geologia Clássicos da Literatura f) Ciência Política f) Psicologia B f) </div>				
sub-total		6 (9)	9	(8) 9
	Área de Projecto g)			2
	Educação Moral e Religiosa h)	(1)	(1)	(1)
Total		16 a 20	17 a 18	12 a 16

Figura 12- Matriz do Curso de Ciências e Tecnologias, 2003 (fonte: DES,2003)

O Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março consagrou e assumiu a integração, com carácter transversal, da educação para a cidadania em todos os programas e orientações curriculares das disciplinas que integraram os planos de estudo dos diferentes cursos deste nível de ensino.

A revisão curricular assentou, essencialmente, numa maior flexibilização na organização das atividades letivas. Cada curso apresenta a sua matriz com as respetivas disciplinas e cargas horárias.

Nesta nova matriz surgiu uma disciplina nova, a Área de Projeto, só para o 12.º ano, completamente diferente das restantes. Segundo o MEC (2003), no seu

Documento Orientador da Reforma Curricular, “ a Área de Projeto é uma área curricular regular que visa a mobilização e a integração de competências adquiridas nas diferentes disciplinas ao longo do percurso do secundário, desenvolvendo e aprofundando competências de trabalho autónomo e em equipa no âmbito da elaboração de trabalhos de iniciação à investigação; na aplicação de conhecimentos adquiridos nas disciplinas do currículo; na utilização de ferramentas simples de tratamento de dados; na análise e interpretação qualitativa e quantitativa da informação e de monitorização de fenómenos físicos e/ou humanos.”

Esta disciplina servia para os alunos desenvolverem e aprofundarem trabalhos de projeto, que não desenvolviam noutras disciplinas, devido à extensão dos conteúdos programáticos.

Lecionei esta disciplina durante dois anos letivos consecutivos e gostei bastante, os alunos tinham oportunidade de mostrar o seu lado mais criativo ou mais rigoroso, dependendo do tipo de projeto que desenvolvessem. Também promovia o trabalho colaborativo e em equipa, o que seria uma mais-valia para o seu enriquecimento pessoal e escolar. Esta disciplina também serviu para preparar os alunos para o ensino universitário, sendo mais autónomos e responsáveis pelo seu trabalho, cabendo ao papel do professor a orientação e avaliação dos projetos.

Posteriormente foi alterada esta matriz, pelo Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de julho, aprova a segunda alteração ao Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, estabelecendo novas matrizes para os currículos dos CCH do ensino secundário. A reforma do ensino secundário entrou em vigor no ano letivo de 2004/2005 para os alunos do 10.º ano.

Componentes de formação	Disciplinas	Carga horária semanal (vezes noventa minutos)		
		10.º	11.º	12.º
Geral	Português	2	2	2
	Língua Estrangeira I, II ou III (a)	2	2	–
	Filosofia	2	2	–
	Educação Física	2	2	2
<i>Subtotal</i>		8	8	4
Específica	Trienal	3 a 3,5	3 a 3,5	3 a 3,5
	Opções (b):			
	Bial 1	3 a 3,5	3 a 3,5	–
	Bial 2	3 a 3,5	3 a 3,5	–
	Opções (c) — Anual 1	–	–	3 a 3,5
	Opções (d) — Anual 2 (e)	–	–	3
	<i>Subtotal</i>	9 a 10	9 a 10	9 a 10,5
<i>Total (h)</i>	Área de Projecto (f)	–	–	2
	Educação Moral e Religiosa (g)	(1)	(1)	(1)
		17 a 19	17 a 19	15 a 17,5

Figura 13- Matriz dos Cursos Científico-Humanísticos, 2007 (fonte: DL n.º 272/2007)

Segundo a Revista Visão (2010), o Conselho Nacional de Educação (CNE) defendeu a manutenção da disciplina de Área de Projeto no 12.º ano de escolaridade dos CCH, num parecer sobre uma proposta do Governo de reorganização curricular do ensino secundário, recomendando um investimento "na divulgação de experiências positivas e na formação de professores". "Avançar com medidas nessa ótica economicista, sem atender às exigências atuais da formação dos jovens, terá consequências muito negativas para a educação em Portugal", lê-se no documento.

O Decreto-Lei n.º 74/2004 de 26 de março sofre novas mudanças, que estabelece os princípios orientadores da reorganização curricular do ensino secundário e da avaliação das aprendizagens.

Surge o Decreto-Lei n.º 50/2011, de 8 de abril, que procedeu à criação da disciplina de Formação Cívica, só para o 10.º ano de escolaridade, dos CCH do ensino secundário. Assim, eliminou a disciplina de Área de Projeto, do 12.º ano e criou a disciplina de Formação Cívica nos CCH.

Segundo o Decreto-Lei n.º 50/2011, ocorreu um aumento da oferta de exames nacionais nas disciplinas de formação geral, com a introdução do exame final nacional optativo de Filosofia, sem aumentar o número de exames obrigatórios, mantendo-se o número de quatro exames nacionais obrigatórios para conclusão do

ensino secundário para os alunos dos CCH, vocacionados para o prosseguimento de estudos de nível superior.

Esta possibilidade permite valorizar a componente de formação geral do currículo e promover um equilíbrio na oferta de exames finais nacionais nas duas componentes de formação, sem prejuízo da manutenção da oferta de exames nas disciplinas específicas de cada curso e sem onerar os alunos com um aumento do número de exames obrigatórios a realizar para a conclusão do ensino secundário.

Componentes de Formação	Disciplinas	Ano/Carga Horária Semanal (x 90 minutos)		
		10.º	11.º	12.º
Geral	Português	2	2	2
	Língua Estrangeira I, II ou III (a)	2	2	-
	Filosofia	2	2	-
	Educação Física	2	2	2
Subtotal		8	8	4
Específica	Trienal	3 a 3,5	3 a 3,5	3 a 3,5
	Opções (b): Bienal 1	3 a 3,5	3 a 3,5	-
	Bienal 2	3 a 3,5	3 a 3,5	-
	Opções (c) Anual 1	-	-	3 a 3,5
	Opções (d) Anual 2 (e)	-	-	3
Subtotal		9 a 10	9 a 10	9 a 10,5
	Formação Cívica (f)	0,5	-	-
	Educação Moral e Religiosa (g)	(1)	(1)	(1)
TOTAL (h)		17,5 a 19,5	17 a 19	13 a 15,5

Figura 14- Matriz dos Cursos Científico-Humanísticos, 2011 (fonte: DL n.º 50/2011)

A educação para a cidadania constitui um eixo estruturante e incontornável na formação dos adolescentes, fazendo parte integrante dos PE de Escola e da dinâmica das mesmas, no sentido de contribuir para a construção da identidade pessoal e social dos jovens, promovendo a aquisição de saberes e o desenvolvimento de competências que os habilitem para o exercício responsável da cidadania democrática e de respeito pela dignidade do ser humano.

Esta área curricular não disciplinar possuía espaço e tempo próprios, que contribuíam para desenvolver competências e aprendizagens no domínio da

educação para a cidadania, para a saúde e sexualidade, sem prejuízo das atividades que se pudessem desenvolver nas outras disciplinas ou áreas curriculares, no quadro da sua dimensão transversal. Também servia para os DT tratarem dos assuntos da sua direção de turma.

Enquanto CDTs considero ter sido uma má opção a saída desta disciplina da matriz curricular do 10.º ano. Em reuniões de DT, todos foram unânimes em afirmar que esta disciplina era importante, porque eram quarenta e cinco minutos marcados no horário dos alunos e no DT, em que se discutiam os assuntos burocráticos da turma e permitia que se estabelecesse uma maior relação empática, ou seja, em vez de eliminarem esta área disciplinar, deveriam ter acrescentado na matriz curricular do 11.º e 12.º anos.

Atualmente o ensino secundário é regido pelo Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho, que vem estabelecer as matrizes e os princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos, da avaliação dos conhecimentos e capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos dos ensinos básico e ensino secundário.

Componentes de formação	Carga horária semanal (a)		
	10.º ano	11.º ano	12.º ano
Geral:			
Português	180	180	200
Língua Estrangeira I, II ou III (b)	150	150	–
Filosofia	150	150	–
Educação Física	150	150	150
Específica:			
Trienal	250	250	270
Opções (c):			
Bienal 1	270 ou 315	270 ou 315	–
Bienal 2	270 ou 315	270 ou 315	–
Opções (d):			
Annual 1	–	–	150
Opções (e):			
Annual 2 (f)	–	–	150
Educação Moral e Religiosa (g)	(90)	(90)	(90)
<i>Tempo a cumprir (h)</i>	1 530 a 1 620 (1 620 a 1 710)	1 530 a 1 620 (1 620 a 1 710)	1 035 (1 125)

Figura 15 - Matriz dos Cursos Científico-Humanísticos, 2012 (fonte: DL n.º 139/2012)

A Portaria n.º 243/2012, de 10 agosto que altera a Portaria n.º 550-D/2004, alterada pelas Portaria n.º 259/2006, n.º 1322/2007, n.º 56/2010 e n.º 244/2011, estabelece os princípios orientadores da organização, da gestão e do desenvolvimento dos currículos dos ensinos básico e secundário, bem como da avaliação e certificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas pelos alunos e pela Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro, que aprova o Estatuto do Aluno e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou EE e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação.

O conhecimento profundo desta Lei enquanto CDTs é de extrema importância uma vez que, é a partir daqui que os DT têm as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da prática do cargo atribuído.

Tema 2 – A Importância do Cargo de Coordenadora dos Diretores de Turma no Processo Educativo

1. Atribuições e Funções do Coordenador dos Diretores de Turma

De acordo com o artigo 42º do Decreto-Lei n.º 137/2012 de 02 de julho, cabe ao Agrupamento de Escola definir as estruturas de Coordenação e Supervisão Pedagógica e o papel do CDTs e DT encontram-se nessas estruturas intermédias, entre outras.

A atribuição do cargo de Coordenadora, nos dois primeiros biénios dos meus mandatos, foi através de eleição pelos pares de entre os DT presentes, na primeira reunião do conselho de DT do ensino secundário, por votação secreta. Em ambas as votações fui eleita por maioria absoluta, com apenas uma abstenção, que foi a minha.

No presente quadriénio, 2012/2016, o desempenho das minhas funções de CDTs foi por nomeação do Diretor do Agrupamento, através do Decreto-Lei n.º 137/2012, de 02 de julho. (Anexo 8)

O organograma da figura 16 representa a estrutura organizacional e funcional de uma escola, embora muito simplificado. O objetivo é demonstrar a hierarquia das estruturas intermédias.

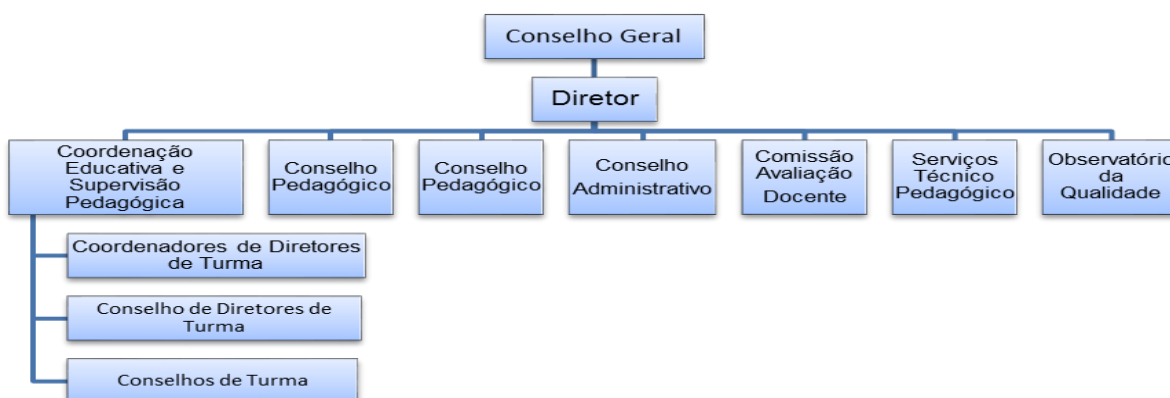


Figura 16 - Organograma organizacional e funcional de uma escola.

Como refere, Alarcão & Tavares, (2003) a liderança intermédia é fulcral para a escola ser inclusiva e de excelência procurando a qualidade da educação em detrimento da já cimentada educação para todos. A liderança do coordenador e do DT contribui para proporcionar uma linha de orientação e de direção da escola convocando a intervenção de todos os atores educativos.

As funções do CDTS variam consoante o Agrupamento de Escolas, mas segundo o Regimento dos DTS (2014/15), na escola, onde desempenha funções, estão mencionadas nas seguintes competências:

- a) “Propor a convocatória do Conselho de DT ao Diretor;
- b) Presidir ao Conselho de DT, articulando estratégias e procedimentos;
- c) Divulgar, junto dos DT, toda a informação necessária e apoiá-los no adequado desempenho das suas competências;
- d) Organizar e manter atualizado um Dossier com toda a documentação necessária e fundamental ao desempenho do cargo de DT;
- e) Submeter ao Conselho Pedagógico e à Direção da escola as propostas do conselho que coordenam;
- f) Submeter ao Conselho de DT as propostas do Conselho Pedagógico;
- g) Apresentar à Direção da escola um relatório crítico, anual, do trabalho desenvolvido até ao final do ano letivo.”

2. Relação da Coordenadora dos Diretores de Turma com os Diversos Intervenientes no Processo Educativo

Segundo Marques (1997), existem competências indispensáveis à função desse cargo, uma relação fácil com todos os membros da comunidade educativa, bem como outras características de personalidade, tais como a tolerância, a compreensão e a firmeza. Além disso, o DT deverá ainda possuir bom senso, ponderação, dinamismo e método aliados à capacidade de prever e solucionar problemas.

2.1- Relação dos Diretores de Turma / Encarregados de Educação

A relação que estabeleço enquanto DT, função que me foi atribuída na maioria dos anos letivos, é uma relação pautada por um ambiente de confiança, empatia, respeito e educação que marcaram determinantemente o meu desempenho enquanto CDTs.

Mantive sempre contatos regulares com os EE através do envio de correspondência, por *email* ou por contato telefónico, para além dos normais contatos pessoais, através das reuniões de: início de apresentação do ano letivo, das intercalares de 1.º e 2.º períodos e as de final de período para a entrega das fichas do registo da avaliação.

Na análise que tenho do desempenho dos DTs do meu Agrupamento, muitos EE contactaram, pessoal ou telefonicamente, os DT fora do seu horário de atendimento e, é de salientar, que nunca deixaram de ser atendidos, o que demonstra o forte empenho, profissionalismo e motivação destes no cumprimento da sua função.

Verifica-se pela leitura das atas das reuniões com os EE que estes, de uma maneira geral, compareceram em número elevado às reuniões de final de período, usaram o tempo de atendimento semanal do DT e, sempre que solicitada, a sua presença, mostraram-se interessados no acompanhamento dos seus educandos. Esta interpretação foi validada, pela Equipa da Avaliação Externa, realizada pela IGEC, em janeiro de 2015, num questionário que estes realizaram aos Pais e EE, nomeadamente na questão número treze: “*O Diretor de Turma do meu filho é disponível e faz uma boa ligação à família?*”. Pela análise do relatório constatámos que 44,3% dos inquiridos responderam que concordavam totalmente e 44,6% que concordavam. São resultados muito bons. Foi gratificante para mim enquanto CDTs mas sobretudo para cada DT ter o reconhecimento, desta forma, do seu trabalho. (Anexo 9)

Também no mesmo relatório da IGEC, de abril de 2015, é possível verificar que um dos pontos fortes no desempenho do Agrupamento assinalado por esta entidade de Inspeção assenta nas funções de CDTs: “ O trabalho desenvolvido pelos DT em

articulação com a comunidade educativa, ao nível dos conselhos de turma e da ligação com as famílias....”

2.2- Relação da Coordenadora / Diretores de Turma

Ao longo de todos os anos demonstrei espírito de iniciativa no desenvolvimento de atividades que visavam atingir os objetivos do PE do Agrupamento, tendo os DT investido no maior envolvimento dos EE, e/ou outras entidades da comunidade.

Como CDTS tive sempre como objetivo promover o espírito de equipa, no sentido de manter os DT motivados e empenhados, privilegiei o contato pessoal e o *email* institucional. Procurei sempre ser uma líder democrática, ouvindo os DT em todas as questões/dúvidas e em conjunto encontrarmos uma solução benéfica. Nem sempre foi fácil o desempenho das funções, o ambiente de camaradagem/relações pessoais nas escolas foi afetado com os cortes orçamentais e políticas educativas, menos positivas.

Com o objetivo de melhorar o meu desempenho na coordenação, solicitei a todos os DT, que fizessem uma avaliação do cargo por mim desempenhado, com o objetivo de colmatar eventuais falhas no próximo ano, dado que só aperfeiçoando e aferindo melhorias a efetuar é que considero que otimizamos a nossa prestação. Para todos os DT, a coordenação correu bastante bem, identificaram uma experiência acumulada no desempenho das funções de CDTS e manifestaram vontade na continuidade das práticas usadas. Não foram referidas falhas, embora considere que devemos sempre trabalhar no sentido da otimização das funções.

Todo o trabalho que desenvolvi só foi possível devido à excelente relação existente com o Coordenador dos DT do Ensino Básico, e os membros da Direção, ao longo destes anos de Coordenação. Trabalhei com colegas muito diferentes em termos de personalidade, competências e métodos de trabalho, mas promovi sempre o diálogo e troca de opiniões para que os objetivos fossem atingidos e que fossem do interesse da comunidade educativa.

2.3- Parceria entre a Coordenadora de Diretores de Turma / Coordenador do Secretariado de Exames Nacionais

Organizei e dinamizei, em conjunto com o Coordenador do Secretariado de Exames, a “*Vitrine do Aluno*”, onde constam diversas informações úteis e pertinentes ao percurso académico do estudante do ensino secundário. Esta ideia surgiu da necessidade que os alunos manifestaram de ter um local de fácil acesso à informação, daí termos criado este espaço informativo desde há dois anos letivos consecutivos.

Nesta vitrine encontram-se o cronograma anual dos exames nacionais, as condições de acesso ao ensino superior, o cronograma das aulas de esclarecimento de dúvidas, das diversas disciplinas, o horário de atendimento da psicóloga da escola, assim como o horário do gabinete de apoio ao aluno, entre outras informações que se consideram pertinentes no decorrer do ano escolar.

3. Atividades Desenvolvidas enquanto Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário

As atividades desenvolvidas enquanto CDTS têm obrigatoriamente de estar divididas pelos biénios de 2003/2005, 2005/2007 e atualmente pelo quadriénio que se iniciou em 2012/2016. Quando comparo o trabalho desenvolvido neste último quadriénio com os biénios anteriores, constato que muito foi feito anteriormente e que me permitiu desenvolver competências muito específicas e fundamentais para as funções de CDTS.

O primeiro biénio iniciou-se no ano letivo de 2003/2005 e foi o ano de muitas mudanças organizacionais na vida escolar. Foram os anos da implementação da reforma do ensino secundário e eram os meus primeiros anos de coordenação. O biénio 2005/2007, foi mais tranquilo no que se refere a mudanças e eu também já tinha mais know-how sobre o que era a coordenação pedagógica do ensino secundário.

Assim, as atividades desenvolvidas contemplaram as seguintes ações:

- Elaborei os Documentos com os Elementos de Apoio ao Desenvolvimento das Reuniões de Conselho de Turma do Ensino Secundário;
- Participei nas reuniões do Conselho Pedagógico realizadas ao longo do ano letivo. Estive presente em muitas reuniões deste órgão pedagógico e isso foi uma mais-valia para a minha coordenação. Aprendi com os Coordenadores de Departamento e com os membros da Direção, docentes com mais experiência pedagógica que eu, mas também fui uma voz ativa naquelas reuniões. E isso foi gratificante para mim, conseguir ser o porta-voz dos DT em questões pedagógicas relevantes;
- Integrei a Secção, do Conselho Pedagógico, de Acompanhamento e Implementação das Reformas do Ensino Básico e Ensino Secundário;
- Elaborei vários documentos, aprovados em Conselho Pedagógico, que foram aplicados nos presentes anos letivos nomeadamente a calendarização das reuniões de avaliação do 1.º, 2.º e 3.º período letivos, do 3.º ciclo do ensino básico e secundário, isto no primeiro e segundo biénio;
- Presidi a todas as reuniões de DT do ensino secundário, procurando representar os interesses das turmas, dando privilégio aos contatos com os DT;
- Apresentei o balanço das reuniões de avaliação dos vários períodos letivos, com base na leitura das atas dos vários CT, destacando o aproveitamento e comportamento globais;
- Assegurei a informação referente ao correio, através da fixação dos mesmos no placard de DT, procedendo oralmente à divulgação dos mesmos quando tinham, no meu entender, meritório interesse.

Também orientei um estagiário, no ano letivo de 2006/2007 que estava a realizar o segundo ano da sua profissionalização em serviço, na Escola Superior de Educação de Lisboa, enquanto CDTS, foi uma experiência única, nunca tinha sido orientadora de estágios pedagógicos. Para este professor a tarefa de gestão da DT e toda a atividade inerente, era para este o mais complicado, dado que também

nunca tinha sido DT. Aquilo que fiz foi dar um apoio mais individualizado e tentar transmitir-lhe algumas competências, partilhando experiências e demonstrando-me disponível para ajudar e esclarecer-lhe as dúvidas que, inevitavelmente surgiram.

No quadriénio de 2012/2016 as atividades desenvolvidas são muitas e mais exigentes, tendo passado cinco anos desde a última vez que fui Coordenadora. Se nos biénios anteriores sempre me preocupei em fazer a diferença, neste quadriénio estabeleci, para mim, objetivos em cada ano letivo, de maneira a otimizar a minha função enquanto Coordenadora.

A tabela 2 representa as diferentes atividades desenvolvidas pela CDTS, tendo em conta os objetivos e metas do PE do Agrupamento, durante o ano letivo:

Tabela 2- Atividades da Coordenação dos Diretores de Turma do Ensino Secundário

Atividades	Objetivos	Calendarização
Coordenar o Conselho de DT secundário.	- Preparar os docentes para os trabalhos a desenvolver no âmbito da DT.	ao longo do ano letivo
Representar os DT no Conselho Pedagógico.	- Participar ativamente em todos os assuntos tratados no Conselho Pedagógico, ou ser-se representada pelo CDT do ensino básico.	ao longo do ano letivo
Preparar e atualizar a documentação de apoio aos DT.	- Fornecer aos DT toda a informação em documentação de apoio ao desempenho das suas tarefas.	ao longo do ano letivo
Atualizar a Plataforma Moodle, com a documentação em suporte informático para os DT.	- Simplificar o trabalho do DT e modernizar tecnologicamente a escola.	ao longo do ano letivo
Planificar/ Preparar as reuniões de Conselho de	- Definir em conjunto com a Direção a ordem de trabalhos das reuniões;	ao longo do ano letivo

Turma	- Reunir documentação necessária para as reuniões dos Conselhos de Turma.	
Atendimento aos DT	Colaborar e apoiar os DT na resolução de situações decorrentes da sua atividade.	ao longo do ano letivo
Matrículas / Turmas	- Preparar/apoiar as matrículas do ensino secundário;	maio a julho
Divulgação da oferta formativa da escola	- Informar a comunidade educativa da oferta formativa da escola e cursos do ensino secundário.	maio a junho
Avaliação do trabalho desenvolvido pela Coordenadora e pelos DT	- Avaliar e refletir sobre o trabalho da Coordenação e dos DT, através dos relatórios.	junho e julho

Relativamente às atividades e documentos realizados pela CDTS, destaco:

- Elaboração do “*Documento do Aluno do Ensino Secundário*”. Este foi distribuído aos alunos e EE na primeira reunião; (Anexo 10)
- Elaboração de todos os “ *Documentos com os Elementos de Apoio ao Desenvolvimento das Reuniões de Conselho de Turma do Ensino Secundário*”. Este é um documento que forneço aos DT, na reunião de preparação das reuniões de avaliação, e através deste guião o DT tem escrito todos os procedimentos a adotar na sua reunião de Conselho de Turma; (Anexo 11)
- Constituição de equipas de trabalho para elaborar ou retificar os seguintes documentos: Planos de Turma, o Regimento dos DT do ensino secundário e o registo de avaliação intercalar para o 1.º e 2.º períodos;
- A liderança democrática das reuniões do Conselho de DT. Considero que uma boa liderança passa por saber ouvir e respeitar os pares, mesmo quando estes possam ter ideologias diferentes;

- Elaboração de um documento com o balanço das reuniões de avaliação das turmas do ensino secundário, baseadas na leitura das atas dos vários Conselhos de Turma; (Anexo 12)
- Os constantes e empáticos contactos com os DT para esclarecimento de algumas dúvidas relativas à sua direção de turma, tanto nas horas de apoio aos DT como fora delas;
- O apoio aos DT nas renovações da matrícula do ensino secundário;
- Organização e disponibilização para consulta regular do *Dossier* da Coordenação;
- Construção de um *dossier online* da Coordenação na plataforma *Moodle* do Agrupamento para consulta dos DT ou outros elementos da comunidade educativa. Este *dossier online* é um dos exemplos, dos objetivos que estabelecemos em cada ano letivo que anteriormente já referi.

A figura 17 é a imagem inicial da plataforma Moodle, onde consta a “disciplina” da CDTS.



Figura 17 - Imagem inicial da Plataforma Moodle do Agrupamento de Escolas do Cadaval (fonte: Moodle AEC)

A figura 18 é apenas um exemplo do *dossier*, onde estão estes dois separadores, com as atas do conselho de DTS arquivadas e os documentos de apoio às

reuniões do ensino secundário, onde podem ser consultados por todos. Na constituição deste *dossier* consideram-se diferentes áreas, organizados de forma lógica e funcional à leitura dos que a eles queiram ter acesso.



Figura 18- Dossier online da Coordenação dos Diretores de Turma do Ensino Secundário (fonte: Moodle AEC)

Pessoalmente, de entre todos os documentos/atividades da Coordenação, realizados por mim, aqueles que eu considero que têm sido mais úteis aos DT, são o *dossier online* e os documentos com os elementos de apoio ao desenvolvimento das reuniões de conselho de turma do ensino secundário.

Neste quadriénio, com esta nova mudança da legislação, não estive presente nas reuniões do Conselho Pedagógico, dado que havia apenas um representante dos CDT e foi designado apenas o CDT do ensino básico visto que tinha uma maior representatividade de DT.

Presentemente, em quase todas as escolas, já existe um programa informático para apoio à gestão de alunos, que tem toda a documentação dos alunos e onde os professores registam as avaliações, os DT justificam as faltas, ou imprimem as fichas de registos da avaliação dos períodos letivos. Na minha escola como trabalhamos com um programa que também permite os sumários eletrónicos, o DT só tem de justificar e controlar as faltas injustificadas da sua direção de turma. Isto foi uma mais-valia para o trabalho do DT, porque quando comecei a dar aulas, os

DT registavam as faltas da turma, as pautas e os registos de avaliação em documentos manuscritos, o que demorava imenso tempo, principalmente em turmas grandes e com pouca assiduidade.

A tabela 3 tem como objetivo permitir uma melhor compreensão/interpretação do número de turmas, dos tipos de CCH que existiam em cada ano letivo e o número de turmas por ano de escolaridade nos anos de CDTS.

Tabela 3 - Cronologia da Coordenação dos Diretores de Turma do Ensino Secundário

Ano Letivo	N.º Turmas	CCT	CSE	CLL	10.ºano	11.ºano	12.ºano
2003 / 2004	13	6	4	3	5	4	4
2004 / 2005	14	7	4	3	5	5	4
2005 / 2006	12	6	3	3	3	4	5
2006 / 2007	10	4	3	3	4	3	3
2011 / 2012	Neste ano letivo estive de atestado médico conforme o referido anteriormente.						
2012 / 2013	6	4	0	2	3	1	2
2013 / 2014	6	4	0	2	3	2	1
2014 / 2015	8	4	0	4	4	2	2

Analisando a tabela 3, nos Conselhos de DT do ensino secundário constata-se uma grande diferença no número de DT. Neste quadriénio existem quase metade do número de DT nas minhas reuniões.

No que concerne às turmas da Escola Básica e Secundária do Cadaval, podemos concluir que o número de turmas e, conseqüentemente, o número de alunos tem

vindo a diminuir, tal como comprova a figura 19 resultante dos inquéritos elaborados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC, 2014), com dados atualizados em novembro de 2014. O curso de Sócio Económicas nunca mais conseguiu abrir na minha escola, existem alunos interessados só que não chegam para abrir uma turma e o MEC não dá autorização.

Existem várias causas para esta diminuição, as que considero mais pertinentes são: a baixa taxa de natalidade nos anos anteriores; o número máximo de alunos por turma que o MEC tem vindo a aumentar todos os anos letivos.

Os custos destas orientações políticas da escola pública devem ser repensadas, quando as escolas têm docentes qualificados e condições físicas para proceder à abertura dos respetivos cursos, serão estas medidas com um carácter meramente economicista o que levou a muitos docentes a ficarem sem horário e muitos alunos a terem um custo adicional quer ao nível monetário, quer ao nível pessoal.

Pela análise da figura 19, o número de alunos começou a diminuir desde o ano letivo de 2000/01 até 2008/09, que foi o ano em que mais alunos estiveram inscritos e a partir daí começou novamente a decrescer. O sistema de ensino nacional perdeu quase 100 mil alunos entre os anos letivos de 2011/2012 e 2012/2013. Algumas das possíveis razões podem ser aquelas que enumerei anteriormente.

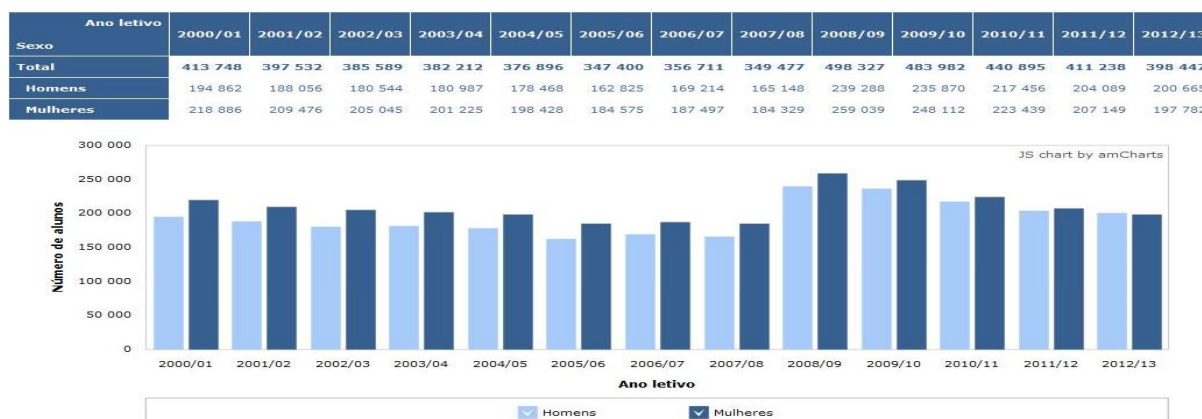


Figura 19 - Alunos matriculados, por sexo, em Portugal entre 2000/01 a 2012/13 (fonte: DGEEC/MEC, novembro, 2014)

Analisando a figura 20 verificamos que a taxa de conclusão, por orientação curricular, em Portugal, entre os anos letivos de 2000/01 a 2012/13, é duma maneira geral, maior nos cursos profissionais do que CCH, sendo os cursos tecnológicos aqueles que apresentam a menor taxa de conclusão. Podemos retirar algumas ilações, nomeadamente os objetivos destes cursos. Os CCH estão vocacionados para o prosseguimento de estudos superiores. O ensino profissional tem como objetivo desenvolver competências para a inserção no mercado de trabalho, enquanto o ensino tecnológico também permite o prosseguimento de estudos, para o ensino superior e para os cursos de especialização tecnológica que proporcionam também a entrada no mercado de trabalho.

Orientação curricular	Ano letivo													
	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	
Total	48.8	51.7	56.8	53.0	52.6	55.3	64.6	68.9	69.4	69.6	65.7	66.2	65.5	
Cursos científico-humanísticos / gerais	48.7	52.7	56.5	52.5	52.1	52.3	63.2	67.4	67.4	66.8	63.2	64.7	64.4	
Cursos tecnológicos	42.6	44.6	46.4	45.3	43.0	55.7	62.7	66.5	66.5	69.5	67.5	67.5	71.7	
Cursos profissionais	64.5	55.3	72.9	66.4	68.6	72.5	75.3	78.8	78.2	75.7	70.2	68.8	66.9	

Nota: São considerados as modalidades de ensino regular e profissional (12.º ano de escolaridade) no cálculo do indicador.

Figura 20 - Taxa de conclusão, por orientação curricular, em Portugal entre 2001/01 a 2012/13 (fonte: DGEEC/MEC, novembro 2014)

4. Constrangimentos da função de Coordenadora dos Diretores de Turma

Como constrangimentos globais, no cargo de CDTS, nestes vários mandatos posso destacar a diminuição do número de tempos letivos que os DT e coordenadora têm para desempenhar o cargo. Por vezes, têm de abdicar do seu tempo do trabalho individual que seria muito importante na preparação das aulas e materiais educativos, porque precisam de cumprir com procedimentos meramente administrativos com prazos rigorosos no âmbito da legislação de faltas e procedimentos disciplinares, como enviar *emails* aos EE, precisam de telefonar fora da hora de atendimento aos EE ou mesmo agendar reuniões presenciais.

Devido aos prazos estipulados pela Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro, que aprova o Estatuto do Aluno e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou EE e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação, o papel do DT parece ser mais crucial no sucesso e no combate ao abandono escolar, contudo, no estatuto da carreira docente é menosprezado e equiparado a trabalho não letivo, como se de um trabalho menos exigente se tratasse e como tal tem dependido de portarias para ser verdadeiramente reconhecido no horário do professor.

Neste momento, tanto os DT como a Coordenadora, possuem apenas noventa minutos semanais para o desempenho dos respetivos cargos pedagógicos o que é reconhecido por todos, e no meu entender, é manifestamente insuficiente. O DT do ensino secundário tem de articular as suas aulas com a resolução de assuntos de direção de turma e, por vezes, em prejuízo da lecionação dos conteúdos programáticos e da duração da sua aula.

Ao contrário dos DT do ensino básico, que dispõem de quarenta e cinco minutos por semana, numa disciplina – Formação Cívica, os DT do secundário não tem. A escola deveria atribuir mais tempos letivos, de modo a valorizar e rentabilizar o trabalho das suas principais estruturas intermédias. O CNE (2005), já considerava insuficiente um tempo de 45 minutos para a Formação Cívica no ensino secundário.

Neste momento o DT e respetivo coordenador têm muito trabalho burocrático, o que dificulta o seu trabalho pedagógico, a função do DT deveria centrar-se no triângulo que envolve os alunos da sua direção de turma, os seus EE e os professores do seu conselho de turma, de modo a promover um trabalho colaborativo e de sucesso na aprendizagem.

“ O DT deverá transmitir aos colegas de conselho de turma todos os elementos relativos à análise da situação da turma e debatê-la numa perspetiva formativa e construtiva, ou seja, acentuando a necessidade de usar este conhecimento da situação para adequar os processos de trabalho e as estratégias no sentido de conseguir para todos aprendizagens bem sucedidas.” (Roldão, 1995)

Enquanto CDTs considero que um constrangimento no sucesso do trabalho de DT foi os critérios na atribuição do cargo de DT não terem em conta, por vezes, o perfil do professor. Muitas vezes servia para preencher o horário do docente, esquecendo as competências necessárias ao cargo, quando considero e a própria legislação assim o refere como importantíssimo, dado ser este o elo de ligação entre a escola, os alunos e os EE. Presentemente a Direção da escola tem tido este fator em conta, dado a exigência que o DT tem na implementação das suas tarefas, sendo este um cargo de muita responsabilidade e rigor.

Anteriormente já coordenei DT que não se empenhavam o suficiente nas suas funções pelo que requereu alguma persistência para os motivar e encorajar para o desempenho das suas tarefas com profissionalismo, mesmo reconhecendo que é um cargo desgastante e nem sempre reconhecido convenientemente na comunidade educativa.

Outro constrangimento que considero pertinente é que, em algumas reuniões de preparação das reuniões/atividades, com a Direção da escola, representada por uma dos seus elementos e o pelo Coordenador do ensino básico, nem sempre as decisões tomadas foram unânimes, embora tenham sido muito excecionalmente. Por um lado considero positivo a divergência de opiniões, por outro lado acrescenta-me a dificuldade em operacionalizar no Conselho de DT uma estratégia e/ou metodologia que eu própria nem sempre concordava ser a melhor. No entanto, enquanto profissional, respeitando sempre as decisões superiores e a estrutura hierarquizada, competia-me, perante os meus DT, apesar de discordar com a decisão, iríamos desempenhá-la da melhor maneira, porque em causa, está e estará sempre a melhoria do processo ensino-aprendizagem e o interesse dos alunos.

Por último, considero que o conselho de DT deveria trabalhar mais em equipa, embora neste dois últimos anos, no final de cada reunião, tentámos sempre refletir sobre os resultados escolares dos alunos ou sobre a indisciplina, o que já é uma pequena melhoria, mas pouco se acrescentava em termos práticos e de medidas concretas a avançar. Mais uma vez parece contraditório que, quem estrutura o estatuto da carreira docente e a legislação inerente à gestão e organização da

escola pública embora faça referências à importância do trabalho com os pares, não apresenta uma alternativa dos tempos letivos para tal prática.

5. Reflexão sobre a Importância do Cargo de Coordenadora dos Diretores de Turma no Percorso Profissional de uma Docente de Biologia e Geologia

Quando aceitei o cargo de Coordenadora, no ano letivo de 2003/2004, foi um novo desafio pessoal e profissionalmente, visto que era algo completamente diferente daquilo que até ao momento tinha exercido. Foi, e continua a ser, uma aprendizagem e aperfeiçoamento constante, porque tenho de ter sempre presente toda a legislação que regulamenta o ensino secundário bem como o código do procedimento administrativo que, por vezes, é necessário consultar.

Considero que fui parte ativa da implementação da reforma do ensino secundário na minha escola, o que forneceu o know-how sobre o funcionamento de uma escola, com os novos modelos de matrizes curriculares dos CCH. O desafio parecia enorme, no entanto nunca hesitei em aceitá-lo e empenhar-me ao máximo. Este ou outros desafios que surgem no nosso percurso profissional, na minha opinião, servem de fonte intrínseca de motivação e aprendizagem, daí a minha escolha para o título do presente relatório de atividade profissional.

Esforcei-me nos dois biénios consecutivos em que estive como Coordenadora por deixar o processo da CDTs bem estruturado e capaz de ser uma boa base de trabalho para qualquer modelo de liderança, contudo não aceitei fazer um terceiro biénio. Embora fosse uma vontade da Presidente do Conselho Executivo da escola, para que eu continuasse, compreendeu e aceitou as minhas razões para uma pausa neste cargo e nas funções de DT naquele ano letivo, porque defendo que estar muitos anos nos mesmos cargos, tendo eles um desgaste muito grande, inevitavelmente os profissionais podem acabar por se acomodar e também pessoas novas conduzem a ideias e metodologias novas que podem enriquecer o funcionamento das organizações.

Os quatro anos que passei sem ocupar o cargo de CDTs foram importantes, porque acompanhei o que os meus sucessores realizaram e, tendo estado do outro

lado, ou seja, era uma DT que participava nas reuniões, mas não as orientava, também foi importante porque me permitiu uma visão de outras formas de coordenar.

Passados quatro anos, fui convidada pelo Diretor da minha escola para fazer parte das suas estruturas intermédias, atribuindo-me o cargo de CDTS. Aceitei com a consciência da responsabilidade e fiquei honrada com a confiança depositada em mim num novo contexto de organização em Agrupamento e um novo Diretor, (pertencia aos quadros da Escola Básica do Cadaval), que não conhecia, que agrupou com a minha, a Escola Secundária C/ 3.º Ciclo do Montejunto, em agosto de 2010.

Não iniciei o cargo da melhor maneira possível, devido a questões de saúde, como já mencionei anteriormente. Neste quadriénio estabeleci alguns objetivos, enquanto Coordenadora, de maneira a inovar em alguns documentos ou até mesmo na criação de uma plataforma no *Moodle*, da escola, onde se encontram disponíveis e arquivados todos os documentos relacionados com o ensino secundário.

O cargo de CDTS no meu percurso profissional, enquanto docente de BG, proporcionou-me um alargamento de novos horizontes no modelo organizacional e de gestão de uma escola. Permitiu-me fazer parte de algumas atividades que, de outra forma, eram mais difíceis de concretizar.

Para se realizar um trabalho, com rigor e de excelência, requer muitas horas de estudo, principalmente de legislação, o que me provoca também algum desgaste físico e intelectual. Porque para além deste cargo, também sou DT, tenho as minhas aulas para preparar e a minha vida pessoal. Após o meu problema de saúde esse desgaste é mais evidente, devido ao esforço diário que faço em alguns dias.

No final do ano letivo é mais complicado coordenar todo este trabalho, uma vez que estou integrada na bolsa de classificadores do exame nacional de BG, do IAVE, e ter duas tarefas tão rigorosas e de extrema responsabilidade. Neste caso, tento coordenar todas as tarefas para antes ou depois da classificação dos exames, solicitando e responsabilizando os DT.

A qualidade e rigor da função de Coordenadora, na minha opinião, dependem também do empenhamento, da determinação e da forma de trabalhar rigorosa e profissional dos DT que são coordenados. Pessoalmente posso afirmar que sempre tive conselhos de DT muito bons, com exceção de apenas um ou dois DT, nestes anos.

Afirmo convictamente que, ao desempenhar este cargo, não só adquiri imensas competências e conhecimentos, como melhorei a minha performance no geral não só na coordenação, como também enquanto docente de BG.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborar o presente relatório, e a título de balanço final, considero que me permitiu reviver excelentes memórias e agradáveis experiências e situações, tanto a nível profissional como pessoal. Sendo a maior motivação deste mestrado a minha valorização pessoal e profissional, considero que já atingi este objetivo, tendo em conta pelo que passei no ano letivo de 2011/2012, em que duvidei que conseguisse atingir esta meta no meu percurso académico.

Ao longo de todo o meu percurso profissional, fui assistindo e vivenciando muitas alterações e acompanhando a evolução dos processos pedagógicos, principalmente num passado recente. Não duvido que o objetivo principal destas alterações fosse a melhoria dos resultados escolares e otimização dos processos de aprendizagem.

Reconheço a dedicação e empenhamento imprescindível ao longo de toda a carreira e não revejo, de momento, noutra profissão nem consigo conceber outra rotina diária que não a prática letiva.

Nestes dezanove anos de serviço, não esqueço vários momentos que vivenciei com os muitos alunos que já tive, a relação empática que estabeleci com quase todos eles. Sempre fiz da minha sala de aula um espaço só meu e dos meus alunos, onde se transmitem conhecimentos científicos mas também existe uma preocupação com o bem-estar de todos e tentei sempre promover hábitos de vida saudáveis.

Em todas as escolas por onde lecionei tive o reconhecimento da maioria dos alunos, e sou definida pelos mesmos como sendo uma professora exigente e disciplinada mas que também sabe ouvir e respeitar.

Não hesito em afirmar que os bons professores todos os dias dão provas do seu rigor, exigência e profissionalismo. Ao longo do meu relatório estes conceitos foram referidos em muitos momentos, pois para mim constituem a base de toda a minha postura profissional.

Para mim é extremamente gratificante quando encontro antigos alunos e estes não só me reconhecem passados vários anos como denoto carinho e apreço na forma como me abordam.

Como diz o título do meu relatório, continuo todos os dias a aprender com o meu estudo e leituras que faço para me manter sempre atualizada, porque tenho gosto em aprender; gosto imenso de ensinar, ainda tenho prazer em ensinar e quando deixar de ter este gosto, é sinal que já não estou a realizar a minha profissão dignamente, nem com entrega. Também, como qualquer profissional, tenho os meus dias menos bons.

A formação profissional complementar que realizo, nomeadamente as ações de formação creditadas, são muito profícuas para a minha prática pedagógica e permitem-me atualizar e aperfeiçoar competências enquanto docente. Considero e valorizo a formação profissional como constituindo um importante fator de motivação. Desta forma considero que só os professores motivados conseguem motivar os seus alunos criando-se, conseqüentemente, um vínculo que permitirá que a Escola seja, verdadeira e genuinamente, uma fonte de saber-saber, saber-estar e saber-ser.

Coordenar um grupo de DT do ensino secundário, durante o exercício do cargo que me foi atribuído, dando o melhor de mim com todo o profissionalismo e dedicação até ao final do quadriénio, é o que poderão esperar de mim. No entanto sempre com a certeza que tenho de melhorar de ano para ano!

Considero que existem algumas questões que devem ser alvo de reflexão atenta, por parte das várias estruturas educativas do MEC, como por exemplo:

- Conseguirão os DT continuar a executar o seu cargo com qualidade, apenas em noventa minutos, com tanta burocracia?
- Não deveria ser retomada a disciplina de Formação Cívica, para todo o ensino secundário? Se assim fosse, os DT tinham um espaço onde tratavam todos os

assuntos da DT e não desperdiçavam tempo das suas aulas, algumas delas sujeitas a exame nacional.

Como forma de balanço final não posso deixar de referir, os pontos que considero mais importantes, ao longo destes dezanove anos de serviço, são eles:

- O contributo que as TIC vieram trazer para a melhoria e diversificação dos processos ensino-aprendizagem;
- A relação pedagógica e empática estabelecida com os meus alunos;
- O reconhecimento da formação contínua realizada, como forma de atualização científica e pedagógica, constituindo um fator determinante no aperfeiçoamento do meu desempenho profissional;
- A importância que o cargo de CDTS teve, tem e terá ao longo do meu percurso profissional e conseqüentemente no meu desempenho profissional.

Julgo estar a cumprir as minhas funções de professora e coordenadora com rigor, profissionalismo e dedicação, tentando dar sempre o meu melhor, estando sempre atenta, aceitando sempre os desafios que a Escola me propôs ao longo destes dezanove anos. Acabo este relatório de atividade profissional, com a mesma frase que escrevi no meu relatório de estágio pedagógico, com uma certeza: ***Estou na profissão de que gosto, de alma e coração!***

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I., & Tavares, J. (2003). *“Supervisão da prática pedagógica: Uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem”*. Coimbra: Edições Almedina.
- CNE (Conselho Nacional de Educação), (2005) *“Estudo sobre a Avaliação das Escolas: Fundamental Modelos e Operacionalizar Processos”*.
- Costa et al., (2001). *Gestão Pedagógica e Lideranças Intermédias na Escola: Estudo de Caso no TEIP do Esteiro*. Universidade de Aveiro.
- Cury, Augusto (2004). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Editor Pergaminho.
- DES (Departamento do Ensino Secundário), (2003). *Reforma do ensino secundário: documento orientador da revisão curricular do ensino secundário*. Lisboa: Ministério da Educação. <http://www.dgidc.min-edu.pt/ensinosecundario/> (consultado em 10 de maio de 2014)
- Einstein, A. (reimpressão: 2005). *Como vejo a Ciência, a Religião e o Mundo; Lisboa, Relógio d'Água*.
- Lima, L. C. (1992). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar. Um Estudo da Escola Secundária em Portugal (1974-1988)*. Braga. Instituto de Educação. Universidade do Minho.
- Marques, R. (1997). *O Diretor de Turma, O Orientador de Turma - Estratégias e Atividades*. Lisboa: Texto Editora.
- MEC (Ministério da Educação), (2003). *Documento Orientador da Reforma Curricular do Ensino Secundário*. http://www.geopor.pt/gne/prog/rev_sec_def.pdf (consultado em 13 maio de 2014)

- Nóvoa, A. (2007). *O regresso dos professores. Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da aprendizagem ao longo da vida*. Lisboa: DGRHE

- OTES - *Observatório de Trajetos dos Estudantes do Ensino Secundário* http://esabelsalazar.pt/portal/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=242&Itemid=247 (consultada em 9 de outubro de 2014)

- Pombo, O. (1994). *A Interdisciplinaridade. Conceito, problemas e perspectivas*. In O. Pombo, T. Levy, & H. Guimarães, *A Interdisciplinaridade: Reflexão e Experiência (2ª ed.)*. Lisboa: Texto.

- Pombo, O. (2011). *A escola é o lugar onde a memória faz futuro*. A Página da Educação, série II, 195: 8-20, consultado através do portal: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/interdisciplinaridade.pdf> (consultado em 01 dezembro de 2014)

- Roldão, M^a. Do Céu (1995). *O diretor de turma e a gestão curricular*, col. Cadernos de Organização e Gestão Escolar, n.º2, Instituto de Inovação Educacional.

- Teixeira, M. (1995), *O Professor e a Escola – Perspetivas organizacionais*. Lisboa: MacGraw-Hill.

LEGISLAÇÃO

Obtida a partir do site: Diário da República *Eletrónico - Legislação referenciada*. <https://dre.pt/>

- Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março
- Portaria n.º 550-A/2004, 550-D/2004, 550-E/2004, de 21 de maio
- Decreto-Lei n.º 272/2007, de 26 de julho
- Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro
- Decreto-Lei n.º 50/2011, de 8 de abril
- Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho
- Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

- Portaria n.º 243/2012 de 10 de agosto
- Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro
- Declaração de Retificação da Lei n.º 51/2012, de 21 de setembro

FONTES CONSULTADAS

- Agrupamento de Escolas do Cadaval – *Projeto Curricular do Agrupamento (2012/2015)* http://agrupcadaval.com/aec/images/agrupamento/pca_2012_2015.pdf (consultado em 11 novembro de 2014)
- Agrupamento de Escolas do Cadaval – *Projeto Educativo (2011/2015)* http://agrupcadaval.com/aec/images/agrupamento/pea_2011_2015.pdf (consultado em 11 novembro de 2014)
- Agrupamento de Escolas do Cadaval - *Revista Voz do Estudante*, ano IV, n.º12, maio de 2014. http://agrupcadaval.com/aec/images/projectos/jornal/voz_estudante_12_edicao.pdf (consultado em 26 março de 2015)
- Agrupamento de Escolas de Raúl Proença – *Análise dos Resultados Escolares 2012-13*. http://www.esrp.pt/paginaweb/linkes/aval_int_12_13.pdf (consultado em 02 maio de 2015)
- Agrupamento de Escolas de São Martinho do Porto – *Projeto Educativo (2013-15)* <http://aesporto.com/index.php/documentos/my-pdf.html> (consultado em 8 novembro de 2014)
- Agrupamento de Escolas de Silves – *Projeto Educativo (2014/2018)* http://www.aesilves.pt/images/Documentos/pe2014_2018.pdf (consultado em 30 setembro de 2014)
- Agrupamento de Escolas de Óbidos – *Projeto Educativo (2012/2013)* <http://www.escolasobidos.net/index.php/doc-s/documentos-orientadores/5-projeto-educativo-2012-13/file> (consultado em 9 novembro de 2014)

- Amador, F. & Mendes, A. (Coordenadores) (2003). “*Programa de Biologia e Geologia, 11.º ou 12.º anos*”. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.
- DES (Departamento do Ensino Secundário), (2000). *Revisão curricular do ensino secundário: Cursos gerais e cursos tecnológicos*. <http://phoenix.sce.fct.unl.pt/vdt/reforma/documentos/DES%20Revi-sao%20curricula%20no%20ensino%20secundario.pdf> (consultado em 10 de maio de 2014)
- DGEEC (*Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência*). *Taxa de conclusão do ensino secundário*. http://w3.dgeec.mec.pt/dse/eef/indicadores/Indicador_4_6.asp (consultado em 25 março de 2015)
- IGEC (*Inspeção Geral da Educação e Ciência*), (2015). *Relatório dos Pais e Encarregados de Educação da Escola Básica e Secundária do Cadaval* http://agrupcadaval.com/aec/images/agrupamento/avexterna/14_15/R_Pais_EBES.pdf (consultado em 20 março de 2015)
- GAAIRES (*Grupo de Avaliação e Acompanhamento da Implementação da Reforma do Ensino Secundário*), *Estudo de Avaliação e Acompanhamento da Implementação da Reforma do Ensino Secundário*. 2006. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência http://www.oei.es/pdfs/QUARTO_relatorio.pdf (consultado em 25 de agosto de 2014)
- Lao-Tsé - <http://www.citador.pt/frases/se-deres-um-peixe-a-um-homem-faminto-va-is-alimen-laotse-1737> (consultado em 10 de maio 2015)
- Mamedes, Janói - http://pensador.uol.com.br/autor/janoi_mamedes/ (consultado em 10 de maio 2015)
- Piaget, Jean - <http://pensador.uol.com.br/frase/NjQ2Nzgw/> (consultado em 10 de maio 2015)

- Provérbio chinês – <http://www.hottopos.com.br/videtur12/proverin.htm> (consultado em 10 de maio 2015)

- Revisão Curricular do Ensino Secundário - Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/DL_74_2004.pdf (consultado em 13 maio de 2014)

- Revista Visão Online (2010); Lisboa. <http://visao.sapo.pt/ensino-secundario-cne-defende-manutencao-da-area-de-projeto-no-12-e-mais-tempo-para-formacao-civica=f583493> (consultado em 15 de maio 2015)

- Saint- Exupéry, Antoine - <http://paxprofundis.org/livros/antsaintexup/antsaintexup.htm> (consultado em 10 de maio 2015)

- Universidade do Algarve- Faculdade de Economia: *Guia para elaboração de dissertações de mestrado.*
<http://www.fe.ualg.pt/files/3.%20Guia%20para%20elabora%C3%A7%C3%A3o%20de%20disserta%C3%A7%C3%B5es%20de%20mestrado%20v2%20-%20actualizada.pdf> (consultado em 2 julho de 2014)

ANEXOS

Anexo 1 – Atividade Laboratorial na disciplina de Biologia e Geologia do 10.º ano.

Anexo 2 – Exemplo de um relatório em *V de Gowin*, de uma atividade laboratorial na disciplina de BG.

Anexo 3 – A importância do manual escolar nas aulas de BG.

Anexo 4 – Índice do Plano de Turma – 2014/2015.

Anexo 5 - Atividade "*À Descoberta da Escola Azul*" no "*Laboratório Aula Aberta 2*".

Anexo 6 – Participação no Projeto do Parlamento dos Jovens do Ensino Secundário – "*Os Jovens e o Emprego: Que Futuro?*", 2012/2013.

Anexo 7 – Curso de Formação: "*A Geologia de Peniche – Uma Abordagem ao Ensino Experimental das Geociências*", realizada em 2009.

Anexo 8 – Nomeação de Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho de 2012, para o quadriénio 2012/2016.

Anexo 9 – Relatório da IGEC - Pais e Encarregados de Educação EB/ES, da Escola Básica e Secundária do Cadaval, em 5 de janeiro de 2015.

Anexo 10 – *Documento do Aluno do Ensino Secundário – 2014/2015.*

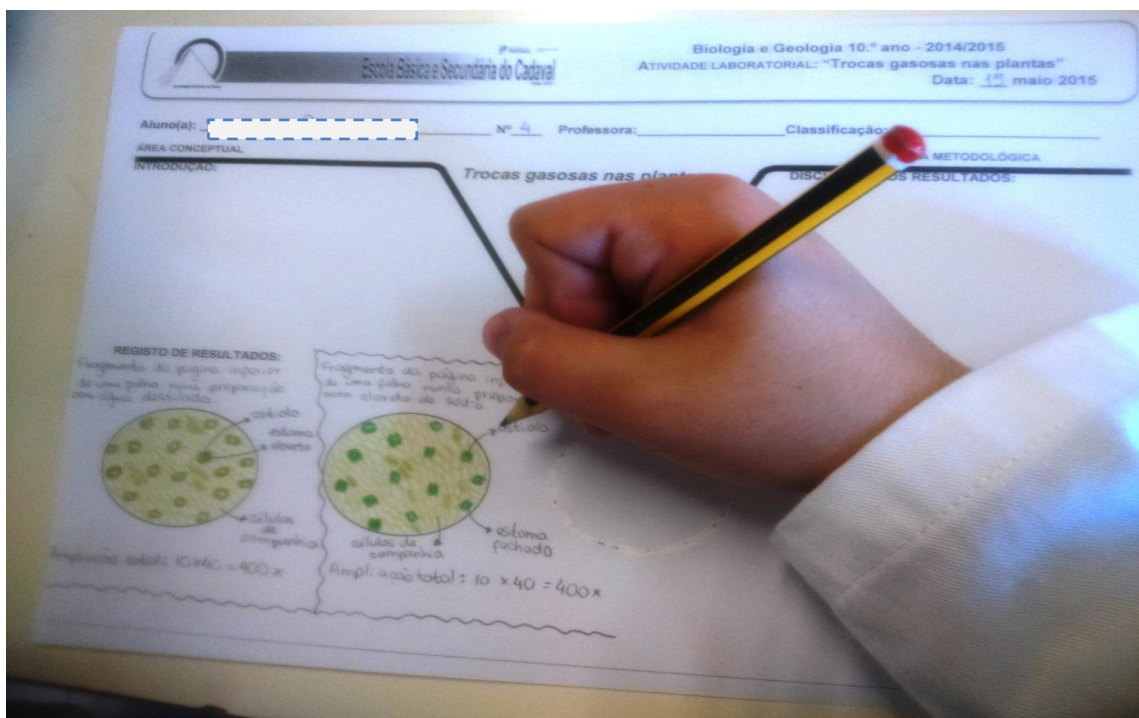
Anexo 11 – *Documento n.º 5 de Apoio ao Desenvolvimento das Reuniões de Conselho de Turma do Ensino Secundário*, em 11 de março de 2015.

Anexo 12 - Balanço das Reuniões de Avaliação do 1.º Período – 2014/2015.

Anexo 1 – Atividade Laboratorial na disciplina de Biologia e Geologia do 10.º ano.



Anexo 2 – Exemplo de um relatório em *V de Gowin*, de uma atividade laboratorial, na disciplina de BG.



Anexo 3 – A importância do manual escolar nas aulas de BG.





ÍNDICE do PLANO DE TURMA - 2014/2015

1- TURMA

- 1.1- Lista de alunos
- 1.2- Fotografias dos alunos
- 1.3- Horário da turma
- 1.4- Caracterização da turma
- 1.5- Cargos
- 1.6- Alunos com Necessidades Educativas Especiais
- 1.7- Problemas e Potencialidades da Turma

2- DEFINIÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA GLOBAL

- 2.1- Metas / Finalidades
- 2.2- Metodologias mais adequadas à turma

3- ARTICULAÇÃO INTERDISCIPLINAR e DISCIPLINAR

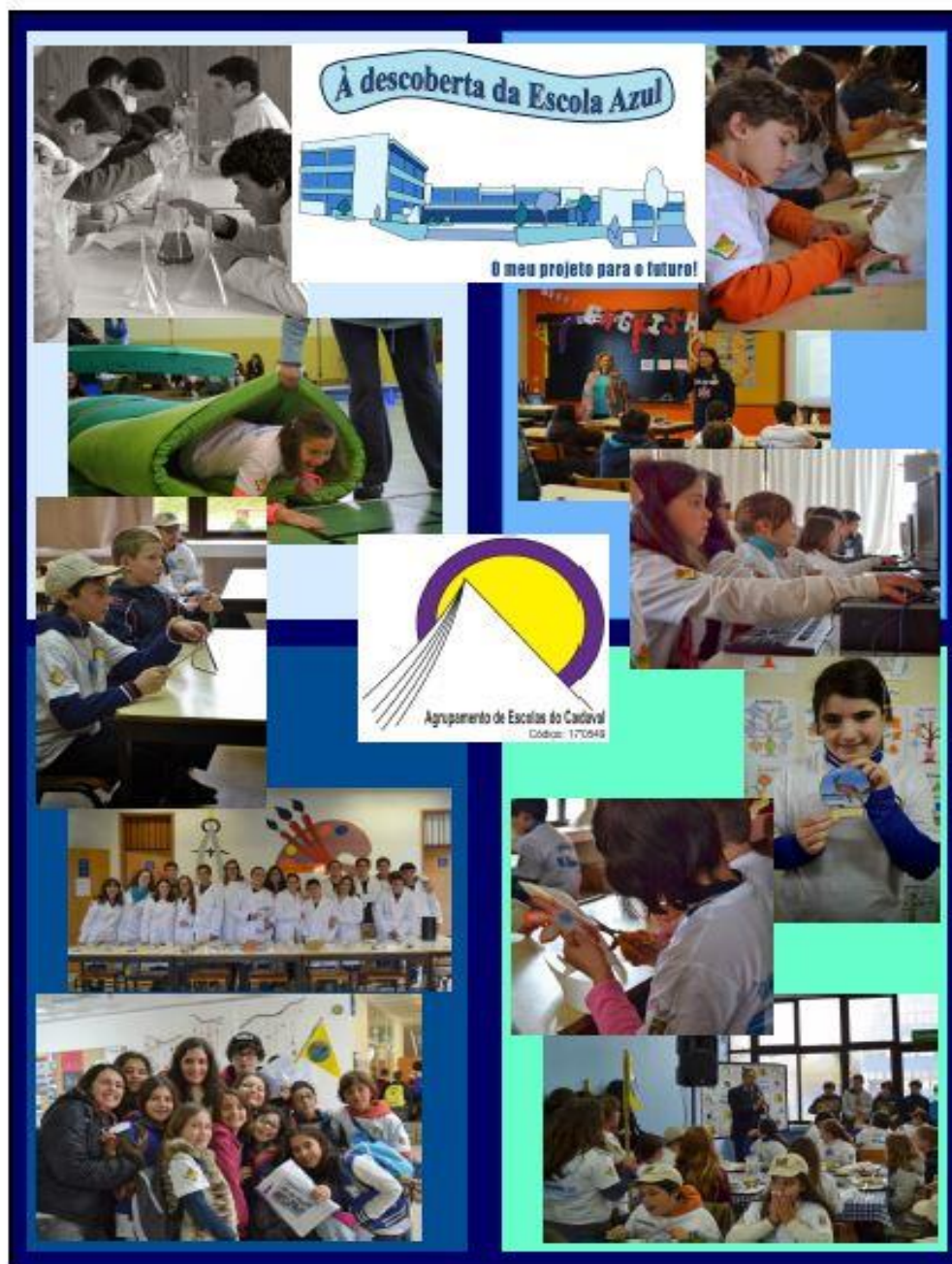
4- ATIVIDADES DA TURMA

5- QUADROS DE VALOR E EXCELÊNCIA

- 5.1- Quadro de Valor
- 5.2- Quadro de Excelência

6- AVALIAÇÃO DO PLANO DE TURMA

Anexo 5 - Atividade "À Descoberta da Escola Azul" no "Laboratório Aula Aberta 2".



Anexo 6 – Participação no Projeto do Parlamento dos Jovens do Ensino Secundário – “Os Jovens e o Emprego: Que Futuro?” em 2012/2013.



Presenças na Sessão Distrital - 5 de Março

Identificação da Escola	Deputados Efectivos	Deputado Suplente	Professor(a)
Escola Básica e Secundária do Cadaval	Joana Pereira Miguel Duarte	João Vizoso	Silvia Cristina Silva

Anexo 7 – Curso de Formação: “A Geologia de Peniche – Uma Abordagem ao Ensino Experimental das Geociências”, realizada em 2009.



Anexo 8 – Nomeação de Coordenadora dos Diretores de Turma do Ensino Secundário, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho de 2012, para o quadriénio 2012/2016.



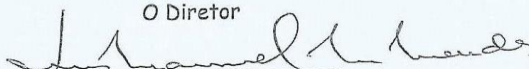
DESPACHO N.º 162

No uso das competências que a lei me confere e cumprido o preceituado no Decreto-Lei n.º 137/2012, de 02 de julho, nomeio os abaixo indicados como Coordenadores de Diretores de Turma, para o quadriénio 2012/2016.

As nomeações referidas produzem efeitos a 03 de setembro de 2012.

Cadaval, 31 de julho de 2012

O Diretor


(Luís Manuel Martins Mendes)

Conhecimento e Aceitação dos nomeados:

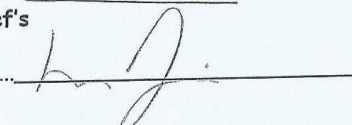
Diretores de Turma do Ensino Básico

Jorge Manuel Martins Guerreiro.....

Diretores de Turma do Ensino Secundário

Sílvia Cristina Alves da Silva.....

Diretores de Turma dos Cursos Profissionais e Cef's

Luís Miguel Garcez Dias.....

Anexo 9 – Relatório da IGEC - Pais e Encarregados de Educação EB/ES, da Escola Básica e Secundária do Cadaval, em 5 de janeiro de 2015.

Relatório pais e enc. educação EB/ES		Código: 170549		Nome: Escolas do Cadaval		IGEC		Inspeção-Geral da Educação e Ciência								
	Concordo totalmente	Concordo		Não concordo nem discordo		Discordo totalmente		Não sei		Não responde		Nº	%			
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%					
1. O ensino é bom nesta escola.	37	13,7	151	55,7	56	20,7	13	4,8	3	1,1	4	1,5	7	2,6	0	0,0
2. Os resultados da escola são bons.	23	8,5	103	38,0	78	28,8	37	13,7	7	2,6	16	5,9	7	2,6	0	0,0
3. Conheço bem as regras de funcionamento da escola.	50	18,5	151	55,7	41	15,1	12	4,4	1	0,4	7	2,6	9	3,3	0	0,0
4. O meu filho é incentivado a trabalhar para ter bons resultados.	77	28,4	139	51,3	28	10,3	12	4,4	2	0,7	2	0,7	10	3,7	1	0,4
5. As avaliações são justas.	48	17,7	120	44,3	51	18,8	23	8,5	7	2,6	13	4,8	9	3,3	0	0,0
6. O meu filho revela satisfação pela forma como é tratado na escola	43	15,9	145	53,5	38	14,0	26	9,6	9	3,3	1	0,4	9	3,3	0	0,0
7. O meu filho tem bons amigos na escola.	92	33,9	144	53,1	18	6,6	3	1,1	1	0,4	5	1,8	8	3,0	0	0,0
8. A Direção da escola é acessível.	56	20,7	140	51,7	46	17,0	11	4,1	4	1,5	9	3,3	5	1,8	0	0,0
9. A Direção incentiva os pais a participar na vida da escola.	53	19,6	136	50,2	50	18,5	12	4,4	3	1,1	6	2,2	10	3,7	1	0,4
10. A Direção está a fazer um bom trabalho.	40	14,8	132	48,7	66	24,4	14	5,2	3	1,1	11	4,1	5	1,8	0	0,0
11. A escola resolve bem os problemas de indisciplina.	34	12,5	90	33,2	74	27,3	33	12,2	9	3,3	23	8,5	8	3,0	0	0,0
12. A escola fornece-me informação suficiente sobre as atividades e as aprendizagens do meu filho.	59	21,8	153	56,5	39	14,4	9	3,3	3	1,1	2	0,7	6	2,2	0	0,0
13. O diretor de turma do meu filho é disponível e faz uma boa ligação à família.	120	44,3	121	44,6	11	4,1	4	1,5	2	0,7	2	0,7	9	3,3	2	0,7
14. As instalações da escola são boas.	22	8,1	114	42,1	72	26,6	38	14,0	14	5,2	4	1,5	7	2,6	0	0,0
15. Os serviços de refeitório e bufete são bons.	20	7,4	61	22,5	63	23,2	58	21,4	39	14,4	21	7,7	8	3,0	1	0,4
16. A escola é limpa.	45	16,6	135	49,8	52	19,2	20	7,4	8	3,0	4	1,5	6	2,2	1	0,4
17. Os serviços administrativos funcionam bem.	31	11,4	143	52,8	70	25,8	7	2,6	5	1,8	9	3,3	5	1,8	1	0,4



DOCUMENTO do ALUNO
ENSINO SECUNDÁRIO – 2014 / 2015



Página do Agrupamento: <http://agrupcadaval.com/aec/>

Telefone: 262 699 230

Cadaval, 15 de setembro 2014

CALENDÁRIO ESCOLAR

1.º Período: 15 setembro a 16 de dezembro;

2.º Período: 5 de janeiro a 20 março;

Carnaval: de 16 a 18 de fevereiro;

3.º Período: 7 de abril a 5 de junho (11º e 12º ano) / 12 junho (10º ano).

Horário da Escola Sede

Entrada	Saída	Intervalo
8.30	9.15	0.00
9.15	10.00	0.30
10.30	11.15	0.00
11.15	12.00	0.15
12.15	13.00	0.15
13.15	14.00	0.00
14.00	14.45	0.15
15.00	15.45	0.00
15.45	16.30	0.15
16.45	17.30	0.00
17.30	18.15	

Entradas: 8.30 e 10.30 (2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feiras)

Saídas: 13.00, 16.30 e 18.15 (2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feiras)

4.ª feira: entrada às 8.30 e saída às 13.00

COMPORTAMENTO DO ALUNO

O aluno deve...

- Ser portador, diariamente, do cartão de estudante;
- Apresentar um aspeto limpo, tanto no que diz respeito ao corpo como ao vestuário;
- Apresentar-se com vestuário adequado ao espaço - escola e à especificidade das atividades escolares;
- Assumir a responsabilidade de todos os seus atos com dignidade e compostura;
- Manter uma atitude correta e ordeira durante os intervalos;
- Não usar linguagem ofensiva para com qualquer elemento da comunidade educativa e no recinto escolar;
- Respeitar as regras de funcionamento dos diversos serviços da escola;

- Esperar, com respeito, a sua vez, formando uma fila de espera, nomeadamente no bar, papelaria, refeitório e serviços

	administrativos;
Quanto às atividades letivas e não letivas...	<ul style="list-style-type: none"> •Cumprir as normas estabelecidas pelo conselho de turma; • Não utilizar o telemóvel ou tablet; •Esperar pelo professor de forma correta, de modo a não perturbar o funcionamento das aulas que já se encontram a decorrer; •Não abandonar o local junto da sala de aula sem que o funcionário responsável o autorize, caso o professor se atrase; •Entrar na sala de aula de forma ordeira; •Ocupar os lugares indicados pelo professor de cada disciplina ou pelo diretor de turma; •Só abandonar a sala de aula após a autorização de saída; •Sair ordeiramente no final das aulas;
Quanto às instalações e serviços...	<ul style="list-style-type: none"> •Respeitar todos os espaços da escola e todos os equipamentos; •Não permanecer nos corredores junto das salas de aula e na zona exterior junto às janelas, durante as atividades letivas; •Não permanecer na sala de aula durante os intervalos, salvo autorização expressa em contrário; •Contribuir para a limpeza e asseio das salas de aula, corredores, instalações desportivas e demais instalações, usando os recipientes próprios/ecopontos para o lixo; •Cumprir o Plano de Emergência e Evacuação da escola e os regulamentos das salas específicas.

ASSIDUIDADE

O **aluno** tem o **DEVER** de ser assíduo, pontual e empenhado no cumprimento de todos os seus deveres no âmbito das atividades escolares.

FALTAS

Conceito	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência do aluno a uma aula ou outra atividade de frequência obrigatória, ou facultativa caso tenha havido lugar a inscrição, a falta de pontualidade ou a comparência sem o material didático ou equipamento necessários; - Uma unidade de 45 min corresponde a uma falta.
Procedimento para justificação	<ul style="list-style-type: none"> - Previamente, sendo o motivo previsível e em impresso próprio (disponível na reprografia da escola); - Até ao 3.º dia útil subsequente à verificação da falta.
Motivo de justificação	<ul style="list-style-type: none"> a) doença do aluno, devendo esta ser declarada pelo EE ou por médico se determinar impedimento superior a três dias úteis; b) isolamento profilático, determinado por doença infetocontagiosa de pessoa que coabite com o aluno, comprovada através de declaração da autoridade sanitária competente; c) falecimento de familiar, durante o período legal de justificação de faltas, por falecimento de família, previsto no regime do contrato de trabalho dos trabalhadores que exercem funções públicas; d) nascimento de irmão, durante o dia do nascimento e o dia imediatamente posterior;

	<p>e) realização de tratamento ambulatorio, em virtude de doença ou deficiência, que não possa efetuar-se fora do período das atividades letivas;</p> <p>f) assistência na doença a membro do agregado familiar, nos casos em que, comprovadamente, tal assistência não possa ser prestada por qualquer outra pessoa;</p> <p>g) comparência a consultas pré-natais, período de parto e amamentação, nos termos da legislação em vigor;</p> <p>h) ato decorrente da religião professada pelo aluno, desde que o mesmo não possa efetuar-se fora do período das atividades letivas e corresponda a uma prática comumente reconhecida como própria dessa religião;</p> <p>i) preparação e participação em atividades desportivas de alta competição, nos termos legais aplicáveis;</p> <p>j) participação em atividades culturais, associativas e desportivas reconhecidas, nos termos da lei, como de interesse público ou consideradas relevantes pelas respetivas autoridades escolares;</p> <p>k) participação em atividades associativas, nos termos da lei;</p> <p>l) cumprimento de obrigações legais que não possam efetuar-se fora do período das atividades letivas;</p> <p>m) outro facto impeditivo da presença na escola, desde que, comprovadamente, não seja imputável ao aluno, e considerado atendível pelo justificadamente, considerado atendível pelo Diretor/Diretor de Turma.</p>
--	---

MATERIAL PARA AS AULAS

O aluno deverá **SEMPRE** fazer-se acompanhar do material necessário à participação nas atividades escolares no sentido de poder usufruir na plenitude do seu direito ao ensino.

- As **primeiras 3 faltas de material** (em todas as áreas curriculares disciplinares e curriculares não disciplinares, à exceção de Educação Física) não é marcada nos sumários eletrónicos sendo apenas controlada pelo professor da disciplina informando o diretor de turma da forma mais expedita. A partir da quarta vez, inclusive, que o aluno se apresentar sem o material, o professor deve marcar falta no sumário eletrónico, fazendo de imediato uma participação ao respetivo Diretor de Turma, que informa o Encarregado de Educação;

- Na **disciplina de Educação Física**, devido à sua especificidade, as duas primeiras faltas de material não são marcadas nos sumários eletrónicos sendo apenas controladas pelo professor da disciplina informando o diretor de turma da forma mais expedita. A partir da terceira vez que o aluno compareça nas aulas sem o material determinado, o professor deve marcar falta no sumário eletrónico, procedendo em conformidade com o ponto anterior;

Se a falta de material for impeditiva do aluno desenvolver a sua atividade na aula ou se perturbar o seu normal funcionamento, o professor deve indicar uma tarefa alternativa a ser desempenhada pelo aluno numa sala de estudo, biblioteca ou noutro local da escola.

PONTUALIDADE

FALTA DE PONTUALIDADE - corresponde a uma **falta de presença**, devendo o aluno permanecer na sala de aula. Esta falta é considerada injustificada, caso o aluno abandone a sala de aula.

AVALIAÇÃO DOS CURSOS CIENTÍFICO-HUMANÍSTICOS

- Ciências e Tecnologias
- Línguas e Humanidades
- Ciências Sócio-Económicas

LEGISLAÇÃO

- Lei n.º 51/2012
- Decreto -Lei n.º 139/2012
- Portaria n.º 243/2012

FORMAS

As **planificações anuais** e os **critérios de avaliação** de cada disciplina são disponibilizados na página *web* da escola / reprografia, para consulta dos alunos e dos encarregados de educação. Esses mesmos documentos serão dados a conhecer aos alunos nas respetivas aulas.

Os **critérios de avaliação** de cada disciplina indicam quais os instrumentos de avaliação que serão usados ao longo do ano letivo e qual o peso relativo de cada um deles para o apuramento da classificação do aluno no fim de cada período.

TIPOS DE AVALIAÇÃO

Diagnóstica - visa facilitar a integração escolar do aluno, o apoio à orientação escolar e vocacional e o reajustamento de estratégias.

Formativa - determina a adoção de medidas pedagógicas adequadas às características dos alunos e à aprendizagem a desenvolver.

Sumativa – Interna - formalizada nas reuniões no final do 1º, 2º e 3º período de acordo com os critérios aprovados em Conselho Pedagógico.

Sumativa - Externa - exames Nacionais da responsabilidade do Ministério da Educação, obrigatórios para os Cursos Científico-Humanísticos.

EFEITOS DA AVALIAÇÃO

Aprovação	•A aprovação do aluno em cada disciplina depende da obtenção de uma classificação final igual ou superior a 10 valores.
Transição	•A transição do aluno para o ano de escolaridade seguinte verifica-se sempre que a classificação anual de frequência ou final de disciplina, consoante os casos, não seja inferior a 10 valores a mais de duas disciplinas constantes do plano de estudos;

	<ul style="list-style-type: none"> •A classificação obtida na disciplina de EMRC não é considerada para efeitos de transição de ano.
Progressão	<ul style="list-style-type: none"> •Os alunos que transitam para o ano seguinte com classificações inferiores a 10 valores em uma ou duas disciplinas, progridem nesta(s) disciplina(s) desde que a(s) classificação(ões) obtida(s) não seja(m) inferior(es) a 8 valores. •Os alunos não progridem em disciplinas em que tenham obtido classificação inferior a 10 valores em dois anos curriculares consecutivos. •Os alunos que não transitam para o ano de escolaridade seguinte não progridem nas disciplinas em que obtiverem classificações inferiores a 10 valores.

CLASSIFICAÇÃO FINAL DAS DISCIPLINAS

A classificação final das disciplinas é obtida da seguinte forma:

- Nas **disciplinas anuais**, pela atribuição da classificação obtida na frequência;
- Nas **disciplinas plurianuais**, pela média aritmética simples das classificações obtidas na frequência dos anos em que foram ministradas, com arredondamento às unidades;
- A **classificação final das disciplinas sujeitas a exame final nacional** é o resultado: da média ponderada, com arredondamento às unidades, da classificação obtida na avaliação interna final da disciplina e da classificação obtida em exame final, de acordo com a seguinte fórmula:

$$CFD = (7CIF + 3CE) / 10$$

em que:

CFD = classificação final da disciplina;

CIF = classificação interna final, obtida pela média aritmética simples, com arredondamento às unidades, das classificações obtidas na frequência dos anos em que a disciplina foi ministrada;

CE = classificação em exame final.

CLASSIFICAÇÃO FINAL DO CURSO

A **classificação final do curso** é o resultado da média aritmética simples, com arredondamento às unidades, da classificação final obtida pelo aluno em todas as disciplinas do plano de estudo do respetivo curso.

- Exceto quando o aluno pretenda prosseguir estudos nesta área, a classificação na disciplina de Educação Física é considerada para efeitos de conclusão do nível secundário de educação, mas não entra no apuramento da média final.
- A classificação obtida na disciplina de **Educação Moral e Religiosa** não é considerada para efeitos de conclusão do nível secundário de Educação.

CALENDÁRIO DOS EXAMES NACIONAIS 2015

1.ª FASE

Horas	segunda-feira 15 de junho	quarta-feira 17 de junho	quinta-feira 18 de junho	sexta-feira 19 de junho	segunda-feira 22 de junho	terça-feira 23 de junho	quinta-feira 25 de junho
9.30	11.º ano Filosofia (714)	12.º ano Português (639) Português (239) PLNM intermédio (839)	11.º ano Física e Química A (715) História da Cultura e das Artes (724) Geografia A (719)	12.º ano Desenho A (706) História A (623) 11.º ano História B (723)	11.º ano Biologia e Geologia (702) Economia A (712) Inglês (550) Francês (517) Espanhol (547) Alemão (501)	12.º ano Matemática A (635) 11.º ano Matemática B (735) Matemática Aplicada às Ciências Sociais (835)	11.º ano Geometria Descritiva A (708) Literatura Portuguesa (734)
14.00		11.º ano Latim A (732)					

- Afixação de pautas da 1.ª Fase: **13 de julho de 2015.**
- Afixação dos resultados dos processos de reapreciação das provas da 1ª Fase: **14 de agosto de 2015.**

2.ª FASE

Horas	sexta-feira 17 de julho	segunda-feira 20 de julho	terça-feira 21 de julho
9.30	12.º ano Português (639) Português (239) PLNM intermédio (839) 11.º ano Latim A (732)	12.º ano História A (623) 11.º ano Geometria Descritiva A (708) História B (723)	12.º ano Matemática A (635) 11.º ano Filosofia (714) Literatura Portuguesa (734)
14.00	11.º ano Física e Química A (715) Economia A (712) História da Cultura e das Artes (724) Alemão (501) Espanhol (547) Francês (517) Inglês (550)	12.º ano Desenho A (706) 11.º ano Biologia e Geologia (702) Geografia A (719)	11.º ano Matemática B (735) Matemática Aplicada às Ciências Sociais (835)

- Afixação de pautas da 2.ª Fase: **4 de agosto de 2015.**
- Afixação dos resultados dos processos de reapreciação das provas da 2.ª Fase: **26 de agosto de 2015.**

Anexo 11 – Documento n.º 5 de Apoio ao Desenvolvimento das Reuniões de Conselho de Turma do Ensino Secundário, em 11 de março de 2015.



Documento N.º 5: Elementos de Apoio ao Desenvolvimento das Reuniões de Conselho de Turma do Ensino Secundário - 2014/2015

2.º Período

11 março 2015

Tarefas a realizar antes da reunião:

✓ Consultar a **legislação** necessária para os Conselhos de Turma.

- Lei n.º 51/2012, de 5 de setembro: aprova o Estatuto do Aluno e os deveres do aluno dos ensinos básico e secundário e o compromisso dos pais ou encarregados de educação e dos restantes membros da comunidade educativa na sua educação e formação.
- Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho: revisão da estrutura curricular do ensino básico e secundário.
- Decreto-Lei n.º 176/2012, de 2 de agosto: estabelece o cumprimento da escolaridade obrigatória até aos 18 anos.
- Portaria n.º 243/2012, de 10 de agosto: estabelece os princípios orientadores da organização, da gestão e do desenvolvimento dos currículos dos ensinos básico e secundário, bem como da avaliação e certificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas pelos alunos.
- Lei n.º 60 de 2009 - Educação Sexual.
- Portaria nº 196-A de 9 de Abril de 2010 - Projeto PES.
- Decreto-Lei nº 3 de 7 de Janeiro de 2008 - Apoios especializados.
- Norma 01/JNE/2015- Instruções para a inscrição nas provas finais de ciclo e Exames nacionais finais do Ensino Básico e do Ensino Secundário.
- Norma 01/JNE/2015- Aplicações de condições especiais na realização das provas e exames do ensino básico e secundário - Alunos com necessidades educativas especiais.

- Solicitar a todos os docentes que lancem até dia **18 de março** as respetivas avaliações e relação de aulas previstas e dadas até **20 de março**.

- Os Diretores de Turma devem convocar os Encarregados de Educação, na semana de **16 a 20 de março**, para as reuniões com os Encarregados de Educação entre os dias de **7,8 e 9 de abril**, a partir das **18.30**.

Marcar na Direção o dia e sala da sua reunião.

- Recolher os elementos de participação em **Atividades de Enriquecimento Curricular** (Clubes, Desporto Escolar e Projetos em que os alunos participaram durante o 2º período);

Reunião de Avaliação:

- Verificar a presença de todos os elementos do Conselho de Turma. Caso se verifique a ausência de algum elemento, marcar a falta a vermelho na folha de ata.

- Informar o Conselho de Turma da **Ordem de Trabalhos:**

Ponto 1: Análise de situações escolares de alunos ao abrigo da Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro;

Ponto 2: Avaliação do 2.º período;

Ponto 3: Outros assuntos.

Ponto 1: Análise de situações escolares de alunos ao abrigo da Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro;

- Caso **não** exista situações a mencionar no ponto um da ordem de trabalhos, mencionar no corpo da ata " *Em relação ao ponto um da ordem de trabalhos, nada há a referir.*"

- Caso exista este ponto:

- Apresentação das situações e respetivos planos de atividades;
- Os representantes dos Encarregados de Educação e delegado de turma só estão presentes neste ponto da ordem de trabalhos.

Ponto 2: Avaliação do 2.º Período

Após o lançamento das classificações dos alunos, foi feita a análise global e individual do aproveitamento e do comportamento da turma, tendo-se procedido à conferência dos registos individuais de avaliação:

- **Atribuição e Registo de Classificações** - proceder à ratificação das classificações propostas.
- **Análise do Aproveitamento da Turma** - Todos os professores devem fazer a análise global do comportamento da turma.

Nomenclatura: Insuficiente, Suficiente, Bom e Muito Bom.

- Neste ponto podem ser delineadas estratégias para melhorar o aproveitamento e comportamento da turma, ficando registado em ata (caso se justifique).

- Referir alunos que apresentam **três ou mais** classificações inferiores a dez valores.

Nº	Nome do aluno	Disciplinas

- Referir os alunos que **excluíram por faltas**, na disciplina de..., ao abrigo da lei n.º 51, de 5 setembro 2012, alínea b), ponto 4º, artigo 21º . Colocar alínea na pauta.

- Cada professor deverá entregar a **justificação**, na qual deverá ser contemplada uma **reflexão acerca das medidas educativas adotadas**, e do insucesso registado na disciplina que leciona, caso verifique existir **50% ou mais de classificações inferiores a dez valores** (com letra legível, datada e assinada, para que possa ser anexa à ata).

- **Comportamento Global da Turma**

- Todos os professores devem fazer a **análise do comportamento global** da turma.

Nomenclatura: Insuficiente, Suficiente, Bom e Muito Bom.

- Relativamente ao comportamento, pode dar-se relevância a situações particulares/grupos, conforme o Conselho de Turma julgue necessário, mencionando eventuais factos explicativos da situação descrita. Destacar elementos perturbadores da turma, caso existam.

➤ **Plano de Turma**

- Quanto ao Plano de Turma, o Conselho de turma fez o balanço do mesmo e procedeu às adaptações de acordo com as necessidades.

- Não esquecer a marcação das fichas de avaliação para o 3.º período.

- Referenciar os alunos que participaram em clubes e desporto escolar (nº, nome do aluno e avaliação). Devem colocar em forma de grelha.

Nº	Nome do aluno	Clube / Desporto Escolar	Avaliação

- Referir todos os alunos propostos para Esclarecimento de Dúvidas.

Nº	Nome	Disciplinas							

-ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS - 10.º, 11.º e 12.ºanos - AULAS ASSISTIDAS - Colocar esta tabela em ata.

Nº	ALUNOS	DISCIPLINAS																										
		PORT			FIL			ING			MATA			BG			FQA											
		N	C	S	N	C	S	N	C	S	N	C	S	N	C	S	N	C	S	N	C	S	N	C	S	N	C	S

NSF - Número de sessões frequentadas
 CS - Com Sucesso na disciplina
 SS - Sem Sucesso na disciplina

PREPARAÇÃO PARA EXAMES - 11.º e 12.ºanos - Colocar esta tabela em ata.

N.º	ALUNOS	DISCIPLINAS							
		PORT.				MAT.			
		F	CS	SS	EF	F	CS	SS	EF
	F - Frequenta CS - Com Sucesso na disciplina SS - Sem Sucesso na disciplina EF - Excluído por Faltas								

- Relativamente ao Projeto Melhor Turma, copiar da grelha do Excel os valores, e colocar esta tabela em ata.

PENALIZAÇÕES	
Número de faltas injustificadas	
Número de participações disciplinares	
Número de dias de aplicação de medida disciplinar	
Número de dias de suspensão decorrente de processo disciplinar	
Total de Penalizações	
BONIFICAÇÕES	
Número de disciplinas com classificações iguais ou superiores a 10 valores que sejam maior ou igual a 70% e menor que 80%.	
Número de disciplinas com classificações iguais ou superiores a 10 valores que sejam maior ou igual a 80% e menor que 90%.	
Número de disciplinas com classificações iguais ou superiores a 10 valores que sejam maior ou igual a 90% e menor que 100%.	
Número de disciplinas com classificações iguais ou superiores a 10 valores que seja igual a 100%.	
Total de Bonificações	
RESULTADO - MELHOR TURMA	

- **Educação Sexual e articulação disciplinar:** devem preencher o quadro, que consta no Plano de Turma, com todas as disciplinas envolvidas.

- **Cumprimento dos Conteúdos Programáticos** - Todos os professores devem fazer um balanço sobre o cumprimento da planificação das **Áreas Curriculares Disciplinares** que deverá constar na ata ou ficar anexo a esta (datada e rubricada).

Análise de Casos Particulares:

- **Alunos Avaliados ao abrigo do Decreto- Lei 3/2008** (deve ser feita uma análise do caso de cada aluno relativamente a aspetos como: interesse/participação, organização,

assiduidade, ritmo de aprendizagem, integração, comportamento, etc.) **As estratégias definidas para estes alunos constam dos respetivos Planos Educativos Individuais.**

Atenção às alíneas dos alunos e às alíneas da pauta, devem de coincidir com as da ata.

Alunos CEI- Pauta- todas as disciplinas do currículo da turma com a respetiva alínea;

Alunos PEI - Pauta- alíneas apenas nas disciplinas abrangidas.

Exemplo: a) aluno avaliado ao abrigo do Decreto-Lei nº 3/2008 de 7 de janeiro. **>Colocar este texto na pauta.**

Sobre a análise de casos particulares, o Conselho de turma analisou as situações dos alunos avaliados ao abrigo do **art.º 16, do Decreto-Lei 3/2008** de 7 de Janeiro:

Nº	Alunos	n.º 16, do Decreto-Lei 3/2008 de 7 de janeiro (PEI) - alíneas	Alínea na Pauta
		<i>a) Apoio pedagógico personalizado b) Adequações curriculares individuais c) Adequações no processo de matrícula, d) Adequações no processo de avaliação e) Currículo específico individual f) Tecnologias de apoio</i>	

O Conselho de turma considera que, ao nível do interesse/participação, organização, assiduidade, ritmo de aprendizagem, integração, comportamento, os alunos encontram-se dentro dos parâmetros normais e satisfatórios previstos para esta altura do ano letivo. As estratégias definidas para estes alunos constam dos respetivos Programas Educativos Individuais (PEI).

Foi feita a avaliação das medidas definidas no Programa Educativo Individual de cada aluno, tendo sido elaborado o modelo 7, "Avaliação das Medidas Educativas - PEI", que será arquivado no processo individual do aluno.

- Todos os docentes que lecionam as **disciplinas dos alunos com CEI**, preenchem um documento partilhado criado para o efeito no Google Docs.

-Alunos que apresentaram acentuada falta de assiduidade injustificada (nº e nome dos alunos, disciplina(s), bem como os contactos estabelecidos com os Encarregados de Educação / CPCJ e **resultados das eventuais medidas de remediação se já aplicadas.**

- **Tutorias** - referir a situação em que se encontram os alunos tutorados; solicitar relatório aos tutores (modelo próprio).

Ponto 3: Outros Assuntos

- Neste ponto devem constar os assuntos considerados relevantes e que não se enquadrem em nenhum dos pontos anteriores.

- Referir todas as **Informações** que considere relevantes (**contatos estabelecidos com os Encarregados de Educação, mudanças de turma, anulações de matrícula, reuniões com os Encarregados de Educação**). Devem colocar em forma de grelha.

Exemplos:

Contactaram a Diretora de Turma os seguintes Encarregados de Educação dos seguintes alunos:

Nº	Nome do aluno

Anulações

Nº	Nome do aluno	Disciplinas anuladas
		Anulou a disciplina de X, no dia Y.

Após a reunião

- Retificar as classificações que foram alteradas na reunião.
- Entregar à equipa de conferência, na Direção, toda a documentação de acordo com o calendário afixado.
- **Fotocopiar as Fichas Informativas** para os Encarregados de Educação.
- **Atualizar o Plano de Turma**, até 14 de abril.
- **Organizar e atualizar o Dossier da Direção de Turma.**
- **Enviar a ata** a todos os elementos do Conselho de Turma.
- **Mencionar em ata** todos os documentos que vão em anexo.
- Preencher o **relatório direção de turma online**, referente ao **2.º período**, até **15 de abril**. Atenção que o relatório tem parte I e II.
- Preparar a **Reunião com os Encarregados de Educação**, com a seguinte, Ordem de Trabalhos:

Ponto um: Avaliação do 2.º período letivo;

Ponto dois: Outros assuntos.

CDTS, 11/03/2015
Sílvia Silva

Anexo 12 - Balanço das Reuniões de Avaliação do 1.º Período – 2014/2015.



Balanço das Reuniões de Avaliação do 1.º Período – 2014/2015

Turmas	N.º alunos	COMP.	APROV.	+ de 2 classificações <10 valores	Disciplinas com $\geq 50\%$ de classificações < 10 valores	% Insucesso	Média no Projeto Melhor Turma
10ºA	20	BOM	BOM	0	0	0	11,3
10ºB	19	SUF	SUF	8	MAT	42,1%	6,89
10ºC	20	SUF	SUF	5	0	25%	-2,0
10ºD	18	SUF	INSUF	7	0	38,8%	-9,75
11ºA	32	SUF	BOM	3	0	11,5%	9,07
11ºB	18	SUF	BOM	0	0	0	8,05
12ºA	11	BOM	BOM	0	0	36,3%	9,63
12ºB	28	BOM	BOM	0	0	21,4%	10,82